

Culex – Mosquito:**O processo de análise e tradução de um poema da *Appendix Vergiliana***

Márcio Meirelles Gouvêa Júnior

Doutor em Estudos Literários (FALE/UFGM)

gouvea.bh@terra.com.br

RESUMO: O *Culex*, poema da *Appendix Vergiliana*, é um epílio que a tradição literária atribuiu desde a Antiguidade à juventude de Públio Virgílio Marão. Apesar de todas as incertezas relacionadas a essa atribuição, a obra composta de 414 hexâmetros dactílicos é, provavelmente, um exemplo rico da poesia do século I d.C., podendo ser encontrados nela os principais aspectos da produção neotérica, com influências de Lucrécio e Catulo. Considerado majoritariamente uma obra espúria, é analisado por alguns como uma paródia, por outros, como uma forma de complemento da biografia de Virgílio, por outros ainda, como um recurso para compor a biografia fictícia do *Homerus Romanus*. Assim, seu estudo tem se mostrado inesgotável. Sua tradução poética, aqui proposta em versos dodecassílabos pela primeira vez em língua portuguesa, vem acompanhada do aparato crítico mínimo para a compreensão pelo leitor atual e pretende permitir alguma reverberação do texto original latino, virgiliano ou não, na contemporaneidade, apesar de todos os desafios que se apresentam na tarefa do tradutor.

89

Palavras-chave: *Culex*; *Appendix Vergiliana*; epílio; Virgílio.

Culex – The Gnat: The process of analyzing and translating a poem from the Appendix Vergiliana

ABSTRACT: The *Culex*, a poem from the *Appendix Vergiliana*, is an epyllion that the literary tradition has been attributing since Antiquity to the youth of Publius Vergilius Maro. Despite all the doubts related to this attribution, the work composed of 414 dactylic hexameters is a rich example of the poetry produced during the 1st century AD, and portrays the main aspects of neoteric aesthetics, with influences from Lucretius and Catullus. Considered by most scholars a spurious work, it is analyzed by some as a parody, by others as a complement to Virgil's biography, or as a resource to compose the fictional biography of the *Homerus Romanus*. Thus, the exegesis of this poem has been proved inexhaustible. Its translation into Portuguese dodecasyllabic verses, proposed here by the first

time, is followed by a minimum critical apparatus, which allows the understanding and intends to achieve some reverberation of the original Latin text, Vergilian or not, in contemporaneity, despite all the challenges regarding the translator's task.

Keywords: *Culex*; *Appendix Vergiliana*; epyllium; Vergil.

1. A formação do *Apêndice a Virgílio*

Virgílio (70 a 19 a.C.) foi considerado ainda em vida o maior poeta da latinidade. Sua fama era tamanha que a plateia se levantava no teatro no momento de ouvir seus versos, e se acaso ele se encontrasse presente, era venerado quase tanto quanto Augusto (Tac. *Dial.* 13). Apesar de ter visto publicados apenas dois de seus livros – as *Bucólicas* e as *Geórgicas* –, e de não haver concluído o polimento da versão final de seu mais ambicioso projeto – a *Eneida* –, os leitores jamais deixaram de o celebrar como o máximo expoente da literatura de seu tempo. Prova disso é que era considerado exemplo de estilo – *exemplum elocutionum* – e, juntamente com Cícero, Salústio e Terêncio, era um dos autores basilares da educação dos jovens romanos, chamados de *quadriga messi* por Arusiano Méssio, no século IV (KEIL, *Gramm. Lat.* VII). Quintiliano, na segunda metade do século I d.C., ao estabelecer o cânone dos grandes escritores, o classificou inferior apenas a Homero: *Secundus, inquit, est Vergilius, proprior tamen primo quam tertio* – “Depois de Homero, Virgílio é o segundo, e aproxima-se mais do primeiro do que do terceiro” (Quint. *Inst.* 10.86).

Sob a importância de seu renome, qualquer obra que lhe pudesse ser atribuída haveria de se revestir de prestígio, logo concedendo fama a seus editores e alcançando sucesso junto ao público. Por esse motivo, nas narrativas de seus antigos biógrafos, as relações de pretensos poemas seus já eram elaboradas. Começava, assim, a formação da antologia que mais tarde receberia o nome de *Appendix Vergiliana*.

Não por outro motivo, na mais antiga dessas biografias, que foi escrita por Suetônio no século II d.C. e transmitida por Élio Donato no século IV d.C., encontra-se a primeira relação dos *Carmina Minora Vergiliana: Deinde Catalecton, et Moretum, et Priapeia, et Epigrammata, et Dirae, et Culicem, cum esset anorum XVI (...)* VIII *Scripsit etiam, de qua ambigitur, Aetnam.* – “Então, *Catalepton, Moreto, Priapeia, Epigramas, Diras* e *Mosquito*, quando ainda tinha dezesseis anos (...) Escreveu também, sobre o que é incerto, o *Etna*” (Donat. VII-VIII).

No mesmo século IV d.C., foi a vez de o gramático Sérvio Mauro Honorato, nos *Comentários à Eneida*, apresentar nova relação das obras de Virgílio, sendo a sua versão bastante próxima daquela fornecida por Élio Donato – o que faz pressupor a mesma fonte: Suetônio. No entanto, essa segunda lista teve as particularidades de excluir as incertezas quanto à autenticidade do *Aetna*, por meio da retirada da expressão *de qua ambigitur* – “sobre o que há dúvidas” –, de acrescentar a elegia *Copa* e de reunir os *Catalepton* e os *Epigrammata* em um único grupo – os *Epigramas*. Quanto a essa reunião, chega-se à conclusão de que ela foi realizada a partir da informação de Sérvio: *Scripsit etiam septem siue octo libros* – “Escreveu ainda sete ou oito livros” (Serv. A. 1), o que permite que se compreenda a união dos dois grupos de pequenos poemas. Pela lista do

gramático, portanto, as obras da juvenilia virgiliana seriam: *Ciris*, *Aetna*, *Culex*, *Priapea*, *Catalepton*, *Epigrammata*, *Copa*, *Dirae*.

As outras biografias antigas de Virgílio, escritas por Filargírio, Probo e Focas, não forneceram dados que alterassem de forma substancial a composição da *Appendix*. Fizeram-no, porém, os manuscritos que possibilitaram a transmissão de seu conteúdo no curso dos séculos. No medievo, a mais remota referência objetiva ao florilégio atribuído a Virgílio encontra-se no *Catálogo da Abadia de Murbach*, na notícia sobre um documento da primeira metade do século IX, hoje perdido. Por essa informação, que se tornou modelo da sequência dos poemas conforme adotado pelos principais editores, além das *Bucólicas*, *Geórgica* e *Eneida*, foram incluídos *Dirae*, *Culex*, *Aetna*, *Copa*, *Maecenas*, *Ciris*, *Cataleptón*, *Priapea* e *Moretum*. Percebe-se mantida a reunião dos *Epigrammata* aos *Catalepton* e a introdução das elegias dedicadas a Mecenas e do *Moretum*.

Durante a Idade Média novas alterações ampliaram esse *corpus* poético. Na antologia carolíngia do século IX, transmitida no *Codex Vaticanus 3252*, encontram-se: *Culex*, *Dirae*, *Lydia*, *Copa*, *De Est et Non*, *De Institutione Viri Boni*, *De Rosis Nascentibus* e *Moretum*. No *Codex Cantabrigensis*, do século X, *Culex* e *Aetna*. No *Fragmento Stabulensis*, do século XI, a lista passou a ser composta por *Aetna*, *Culex*, *Viri Boni*, *Dirae*, *Copa*, *Roseti*, *Lydia*, *Moretum*, *Est et Non*. O *Codex Bruxellensis*, do século XII, relacionou *Priapea*, *Catalepton* e *Elegiae in Maecenatem*. O *Codex Helmstadiensis*, do século XV, elencou o *De Institutione Viri Boni*, *Est et Non*, *De Rosis Nascentibus*, *Culex*, *Dirae*, *Moretum*, *Copa*, *Elegiae in Maecenatem*, *Aetna*, *Ciris* e *Catalepton*. E o *Codex Vossianus*, também do século XV, a *Priapea*, *Moretum*, *De Rosis Nascentibus*, *Copa*, *Est et Non*, *De Institutione Viri Boni*, *Culex* e *Elegiae in Maecenatem*. É verdade que outros manuscritos medievais e renascentistas ainda atribuíram a Virgílio poemas menos conhecidos e menos recorrentes. Mas pode-se ver a regularidade na escolha dos textos da antologia, construindo a seleção atualmente consagrada (COURTNEY, 1968, p. 133-141).

A propósito, a denominação da *Appendix Vergiliana* é relativamente tardia. Foi usada apenas em 1573, na edição lionesa de Joseph Justus Scaliger, sob o título *Publii Virgilii Maronis Appendix* (MCGILL, 2019, p. 63). Até então, não havia um nome consagrado. No final do século I d.C., o poeta Estácio, no proêmio ao primeiro livro das *Siluae*, referiu-se ao poema *Culex* como uma *praelusio*, ou uma espécie de exercício ou ensaio poético, como um divertimento juvenil: *Sed et Culicem legimus et Batrachomachiam etiam agnoscimus, nec quisquam est inlustrum poetarum qui non aliquid operibus suis stilo remissiore praeluserit* – “Mas lemos o *Culex* e conhecemos a *Batracomiomaquia*: não há nenhum dos poetas famosos que não tenha ensaiado suas obras com algo de estilo leve” (*Stat. Silv.* 1). Nesse sentido, o termo *praelusio* foi o mesmo utilizado pelo gramático Diomedes, no século IV, para se referir ao um poema da *Priapea Vergiliana*: *Priapeum, quo*

Vergilius in praelusionibus suis usus fuit, tale est – “o poema a Priapo, que Virgílio compôs para seus divertimentos, é o seguinte” (Diom. 1.27). Nova denominação surgirá, por sua vez, no século IX, no *Codex Vaticanus 3252*, conhecido como *Codex Balbinus*, onde os poemas foram chamados de *Septem Ioca Iuuenalia Virgilii*, ou *Sete Divertimentos Juvenis de Virgílio*. No *Codex Parisinus 7927*, conhecido como *Codex Cobertinus*, vê-se na primeira página o título *Poetarum sapientissimi Publii Virgilii Maronis condiscipuli Octauiani Augusti mundi imperatoris iuuuenalis ludi libellus*, ou *O pequeno livro de divertimentos juvenis de Públio Virgílio Marão, condiscípulo do imperador do mundo Otaviano Augusto e o mais sábio dos poetas*.

Finamente, o atual catálogo dos poemas da *Appendix Vergiliana* é aquele cuja crítica contemporânea considera como o que contempla a maior ocorrência dos textos nos manuscritos antigos, consoante a edição de W. Clausen, F. Goodyear, E. J. Kenney e J. Richmond, da Oxford Classical Text, de 1967, e os estudos de E. Courtney, publicados sob o título de *The Textual Transmission of the Appendix Vergiliana*, e aprovados em 1975 por M. D. Reeve, no artigo *The textual Tradition of Aetna, Ciris and Catalepton* (REEVE, 1975). Consideram-se ainda os textos estabelecidos por H. R. Fairclough, responsável pela edição da Loeb Classical Library, e aqueles da edição da *Classiques Garnier*, estabelecida por Maurice Rat em 1935.

2. O Mosquito

Na obra *P. Virgilii Maronis Vita – Vida de Públio Virgílio Marão*, de Tibério Cláudio Donato (HEYNE, 1830, p. LXXXI-CVI), o *Culex*, foi o único poema atribuído à juventude de Virgílio cujo resumo e alguns versos transmitiram-se textualmente:

Culicem, cuius materia talis est: Pastor fatigatus aestu cum sub arbore obdormisset, et serpens ad illum proreperet, e palude culex prouolat, atque inter duo tempora aculeum fixit pastori. At ille continuo culicem contriuit, et uisum serpentem interemit, ac sepulcrum culici statuit, et distichon fecit: PARVE CULEX, PECUDUM CUSTOS TIBI TALE MERENTI/FUNERIS OFFICIUM VITAE PRO MUNERE REDDIT.

(Escreveu) o *Mosquito*, cujo assunto é assim: Como um pastor, fatigado pelo calor, dormia sob uma árvore, e uma serpente dele se aproximava, um mosquito voa do pântano e espeta o ferrão entre suas duas têmporas. Mas ele, de imediato, esmagou o mosquito e, ao vê-la, matou a serpente, e construiu um sepulcro para o mosquito, e fez um dístico: PEQUENO MOSQUITO, O GUARDIÃO DE REBANHOS PARA TI, QUE O MERECESTE,

RETRIBUIU ESTE OFÍCIO FÚNEBRE EM AGRADECIMENTO
PELA VIDA (Donat. VIII).

Fora essa menção, houve, porém, referências ao poema na biografia do poeta Lucano, atribuída a Suetônio, na sarcástica e arrogante pergunta feita pelo jovem autor da *Guerra Civil* ao se vangloriar, exatamente comparando-se a Virgílio: *A, quantum mihi restat ad Culicem?* – “O que me falta para alcançar o Mosquito?” (Suet. *Vit. Luc.* 1) Nas gerações seguintes, ainda na Antiguidade, Estácio, na introdução das *Siluae*, como citado acima, escreve: *Haec primo iuuenis canes sub aevo ante annos Culicis Maroniani* – “Cantarás essas coisas como um jovem na primeira idade, antes dos anos do Mosquito de Marão” (Stat. *Silv.* 2.7.73-74); Marcial: *protinus Italiam concepit et "Arma uirumque," qui modo uix Culicem fleuerat ore rudi* – “Em seguida concebeu a Itália e as ‘Armas e o varão’, quem há pouco chorara o Mosquito, com inexperiente voz” (Mart. 8.56.19-20) – e *Virgili Culex: Accipe fecundi Culicem, studiose, Maronis/ Ne, nucibus positis, arma uirumque legas* – “O Mosquito de Virgílio: Recebe, estudioso, o *Culex* do eloquente Marão, para que, quando deixares as nozes (saíres da infância), leias *as armas e o varão*” (Mart. 14.185); Nônio Marcelo: *LABRUSCA, genere femineo, Verg. in Bucol. V, 7; neutro, Verg. in Culice, 53* – “Labrusca, do gênero feminino, Verg. *Buc.* 5.7; neutro, Verg. no *Culex* 53” (Non.); e Focas: *Hinc Culicis tenui praelusit funera uersu:/ "Parue culex, pecudum custos tibi tale merenti/Funeris officium uitae pro munere reddit"* – “Daí, cantou primeiro em estilo leve a morte do mosquito: ‘Meritório mosquito, o pastor de rebanhos/ co' este sepulcro retribui-te o dom da vida’ (Phocas: *Vita Virgillii* 84-86)” – noticiaram a existência da obra.

Em razão desses testemunhos, uma das questões mais recorrentes no estudo do poema foi quanto à sua autenticidade. Já entre os renascentistas era motivo de debate. Na *Editio Princeps* da *Appendix Vergiliana*, editada por Joannes Andreas de Buxis, e publicada em Roma em 1469, a atribuição do *Culex* a Virgílio foi questionada, sob o argumento de falta de qualidade do poema, ainda que não totalmente refutada (PLÉSENT, 1910, p. 4). No entanto, foi o poema foi considerado autêntico por Joseph Scaliger, na edição de 1573. Por seu turno, nas observações feitas à edição parisiense *ad usum delphini* de Carolus Ruaeus, de 1675, Charles de la Rue foi o primeiro a classificá-lo como possível fraude literária, sob a alegação de encontrar no poema precariedade do estilo e incompatibilidade das ideias com as de Virgílio, além de perceber em sua estrutura formas presentes nas três obras maiores do poeta, o que de la Rue considerou um inverossímil adiantamento dos temas que haveriam de ser desenvolvidos futuramente. De acordo com essa interpretação, o *Mosquito*, como hoje se conhece, poderia ser uma tentativa de reconstrução tardia do poema perdido de Virgílio, mencionado pelos biógrafos e antigos exegetas. Isso justificaria a parcial coerência temática entre o poema e as informações dos

escritores da Antiguidade, e a presença dos versos finais citados por Donato (ST. LOUIS, 2001, p. 9).

No entanto, em um movimento pendular de atribuição e recusa da autenticidade da obra, que dura há séculos, na edição de Christian Heyne, de 1775, que intitulou a obra como *Culex probaliter restitutus*, passou a ser aventada a possibilidade de o *Mosquito* ser um poema ao menos parcialmente autêntico, tendo o editor inclusive separado os versos que considerava espúrios, deixando apenas noventa e nove hexâmetros supérstites (HEYNE, 1775, p. 3-5). Nesse oscilar de opiniões, quase um século depois, Otto Ribbeck, na edição de 1868, considerou o *Culex* uma obra virgiliana, e aceitando a informação de Donato, classificou-o como uma obra juvenil do poeta. Também o fez Robinson Ellis (ELLIS, 1896), o editor oxoniense dos *Carmina Minora Vergilio Adtributa*, de 1907 (ELLIS, 1907).

Sob essa última tendência interpretativa, no início do século XX, Elizabeth Jackson, buscando correlações textuais com as obras indisputadas de Virgílio, sustentou com veemência, em 1911, que o poema fosse autêntico e que o autor houvesse usado nas produções subsequentes os versos ensaiados no *Culex* (JACKSON, 1911). Por sua vez, Edward Rand, em 1919, manteve a possibilidade de a obra ser o promissor esforço juvenil de Virgílio, *a school-boy poem*, conhecedor de Homero, de Hesíodo, dos tragediógrafos gregos e dos escritores alexandrinos, como Apolônio de Rodes e Teócrito, e ainda sob a influência de Partênio de Niceia, Lucrécio e Catulo. Ou seja, o *Culex* poderia ser visto como a obra consistente de um autor inserido na tendência de uso dos modelos neotéricos de seu tempo, que, ao que tudo indicava, deveria ser Virgílio (RAND, 1919, p. 114-128). Em 1922, Frank, na biografia de Virgílio, foi outro que sustentou a autenticidade do *Culex* e a verossimilhança da dedicatória a Otávio, apesar de discordar da data de sua composição, transmitida por Donato. Segundo ele, o poema deveria ser obra de não um estudante de 16 anos, mas de um jovem poeta de 21 anos, sob a alegação de erro de transcrição de algum copista, que, ao se referir à sua idade, transcreveu XVI no lugar de XXI (FRANK, 1922, p. 28-35).

Entretanto, no prosseguimento do movimento pendular, Fairclough, no mesmo ano de 1922, analisando o vocabulário, a técnica métrica, o uso das cesuras, o uso dos participípios, a quantidade de ocorrências únicas de palavras (ἄπας) nos poemas da *Appendix*, considerou-os todos não virgilianos. Além disso, usando essas mesmas estatísticas, aventou a possibilidade de o *Culex* haver sido composto por Ovídio (FAIRCLOUGH, 1922). Quanto à hipótese da autoria ovidiana do poema, Shipley, em 1926, revisitou a possibilidade proposta por Fairclough, mas preferiu considerá-la inconclusiva, ainda que também sustentasse a impossibilidade de se tratar de uma obra original de Virgílio (SHIPLEY, 1926). Já na segunda metade do século XX, foi a vez de Fraenkel

retomar as pesquisas sobre o poema, e ele o fez considerando a obra inteiramente falsa. Para o estudioso, a importância da *Appendix* reside em facultar ao leitor atual acesso a uma poesia de menor valor literário, que, se não houvesse sido atribuída a Virgílio, teria se perdido. Fraenkel expôs, então, as possíveis razões para a atribuição do poema a Virgílio e o motivo para a falsificação proposital, feita por um *Virgilius personatus*. Acompanhando a suposta biografia de Homero, a quem se atribuía a composição da *Batracomiomaquia*, para Virgílio poder ser considerado inteiramente o *Homerus Romanus* era preciso preencher o tempo de sua vida anterior à publicação das *Bucólicas*, e isso foi feito com a atribuição do *Culex*, um pequeno poema épico, inclusive dotado de uma cena similar ao do sonho de Aquiles, na *Il.* 23.69-101, quando o fantasma de Pátroclo aparece ao amigo e lhe pede os ritos fúnebres (FRAENKEL, 1952).

Na volta do pêndulo, em 1970, Barrett sustentou a autenticidade do poema, embora sua argumentação fosse majoritariamente uma refutação das técnicas utilizadas por seus antecessores no estudo do tema, e na aceitação da autoridade dos autores da Antiguidade (BARRETT, 1970). Em 1975, Ross apresentou a leitura de que se trata de uma falsificação deliberada; e Moya del Baño, em 1984, relacionando até então 87 obras que defendem a autoria virgiliana, e 140 que a negam, considera o problema insolúvel (DEL BAÑO, 1984, p. 436). Em 1997, Labate afastou mais uma vez a autoria de Virgílio para datar a obra como uma criação do período de Tibério ou de Cláudio (CITRONI *et al.*, 2006, p. 494). No ano seguinte, Maleuvre afirmou com veemência a impossibilidade da atribuição, considerando o *Culex* uma impostura absoluta (MALEUVRE, 1998). Nessa mesma linha interpretativa, em 2019, Scott McGill considerou o poema uma obra pseudépígrafa primária, ou seja, desde cedo atribuída e reconhecida como sendo de Virgílio, como uma forma de preencher o espaço de tempo anterior à produção das *Bucólicas*, publicadas quando o poeta já tinha 26 anos (MCGILL, 2019, p. 69).

Quanto à estrutura, o *Culex* é uma composição de caráter cômico/paródico, ao mesmo tempo épica e pastoral, elaborada em 414 hexâmetros dactílicos, de estrutura regular. Trata-se de uma obra de feição alexandrinista e neotérica, a evocar poemas jocosos como a *Batracomiomaquia*, não por acaso citadas conjuntamente por Estácio. O gênero literário a que pertence é o *epílio* – a pequena composição poética de origem alexandrina que alcançou grande projeção na literatura latina produzida a partir dos *poetae noui*, ou, como chamados por Cícero, os *cantores Euphorionis* (Cic. *Tusc.* 3.45); e que foi utilizada até o final da geração augustana (CRUMP, 1931, p. 40). Levados para Roma por influência de Partênio de Niceia, os epílios eram poemas curtos, mais descritivos do que narrativos, com extensão sempre inferior à dos livros homéricos, marcados pelo esmero do academicismo típico dos alexandrinistas, pela

abundância de preciosismos e conteúdo amoroso ou heroico, sob a influência de Calímaco, Apolônio de Rodes e Teócrito (JACKSON, 1913). Como característica necessária dos epílios, eles deveriam conter uma digressão, que estabelecesse um contraste com a parte principal do poema (CRUMP, 1931, p. 22). Exemplo das digressões é, no *Carmen 64* – o *Epitalâmio de Peleu e Tétis* –, de Catulo, a êfrase (ἔκφρασις) do bordado do *puluinar*, o manto que recobria o leito nupcial (Catull. 64.132-220). No caso do *Culex*, além da existência típica da temática amorosa, presente na longa referência a Eurídice e Orfeu (v. 268-295), a digressão é, sem dúvidas, a longa fala do mosquito, que descreve sua catábase (κατάβασις) e pede ao pastor os ritos fúnebres (v. 210-283), estabelecendo o necessário contraste temático entre a narrativa pastoral e a descrição épica.

Embora parte majoritária da crítica, em geral preocupada com a determinação de sua autoria e a data de sua composição, tenha considerado o *Culex* um poema de má qualidade estética e de composição medíocre (HOUSMANN, 1902), uma interessante leitura foi proposta por Ross, segundo a qual o epílio não seria um poema que buscasse a excelência ou o sublime, mas que deveria ser lido como uma paródia – uma paródia não a uma obra ou a um autor específico, senão ao próprio gênero literário alexandrinista, já em decadência no período em que foi escrito. Assim, sob uma rigorosa e notável correção métrica, vê-se que se alinham os principais *topoi* exigidos para a composição épica, em uma sequência que, reconhecida pelos leitores da época, se revestiriam de humor (ROSS JR., 1975).

No que se refere à trama, o *Culex* é a singela narrativa de um dia de atividade de um pastor de cabras. O enredo é ambientado em contexto bucólico, com destalhada descrição do típico *locus amoenus*. Mas apresenta uma digressão de cariz épico, em que um mosquito, que morreu de forma altruísta para salvar a vida de um pastor ameaçado por uma serpente, aparece à noite em seu sonho para pedir que lhe preste os ritos fúnebres. Durante sua fala, o pequeno desventurado conta para o homem seu sacrifício para o salvar e descreve a descida ao mundo inferior, sob o modelo da aparição de Pátroclo no sonho de Aquiles, no livro XXIII da *Ilíada*, e das catábases de Ulisses, no livro XI da *Odisseia*, de Orfeu, no livro IV das *Geórgicas*, e de Eneias, no Livro VI da *Eneida*. Despertando no dia seguinte, o pastor erige um túmulo para seu salvador.

No entanto, como era comum na prática da produção latina em relação aos originais gregos e alexandrinos, sobretudo entre os neotéricos, um argumento de Dídimo de Alexandria (63 a.C. a 10 d.C.), preservado por Zenóbio (ZENOBIUS, 1839, p. 102), pode ter sido a fonte dessa narrativa (PLÉSENT, 1910, p. 75):

Κίσσαμις Κῶος: οὗτος ἦν πολυθρέματος· τούτῳ φασὶν ἔγχειλιν ἐπιφαινομένην κατ' ἔτος τὸ κάλλιστον τῶν προβάτων ἀρπάζειν, καὶ

τὸν Κίσσαμιν ἀνελεῖν αὐτὴν· φαινομένην δὲ αὐτῷ κατ' ὄναρ, κελεῦσαι καταθάψαι αὐτήν (Zen. 4.64).

“**Císsamis de Cós**: esse era rico em gado. Dizem sobre ele que uma serpente aparecia a cada ano para arrebatá-lo o mais bonito de seus rebanhos e que Císsamis a exterminou. Ela, aparecendo-lhe em sonho, pediu que a sepultasse”.

Afinal, a emulação (*aemulatio*), ou a imitação com intuito de superação, era considerada uma forma virtuosa de produção literária, em um contexto que valorizava mais a forma do que o ineditismo do conteúdo. Prova disso é a existência do manual de temas a serem desenvolvidos pelos poetas, legado por Partênio de Niceia, conhecido como *Sofrimentos do amor* (*Ἐρωτικά παθήματα*). É nesse espírito emulatório que devem também ser percebidas e reconhecidas as referências e alusões a outros poetas, o que conferia à obra distinção junto ao público. Algumas dessas alusões e referências foram destacadas em nota na tradução objeto deste estudo.

Plano temático do poema:

- versos 1-41: proposição, invocação às musas e dedicatória a Otávio;
- versos 42-155: as atividades do pastor;
- versos 94-145: digressão sobre os prazeres da vida do pastor, comparando-a à vida dos homens ricos;
- versos 146-156: com o aumento do calor do dia, o pastor adormece junto à sombra de uma fonte;
- versos 157-182: levada pelo acaso, uma serpente chega à mesma fonte onde se encontra o pastor, em busca de abrigo do calor. Ao ver o pastor, a serpente se enfureceu e preparou para o atacar;
- versos 182-201: um mosquito, vendo a aproximação da serpente, ferroa o olho do pastor para o despertar, e é esmagado com um tapa. O pastor, porém, vê a serpente. Luta com ela, mata-a e descansa após a luta;
- versos 202-215: quando anoitece, o pastor retorna à casa. Ao adormecer, aparece-lhe o espectro do mosquito, que reclama de sua ingratidão, já que matara quem lhe salvara a vida;
- versos 216-222: o mosquito descreve seu passeio no mundo dos mortos;
- versos 223-230: digressão sobre a Gratidão e o Dever;

- versos 231-375: o mosquito descreve os heróis gregos, os monstros e os numes dos grandes romanos, que encontra em sua caminhada pelos infernos;
- versos 376-383: o mosquito se lamenta pela morte;
- versos 384-414: o pastor, agradecido, ergue um túmulo para o mosquito.

3. Sobre a Tradução: uma proposta de teoria e seu método

No primeiro livro do tratado *Sobre a Poética* (Περὶ Ποιητικῆς), de Aristóteles, encontram-se relacionadas as regras que se consideravam necessárias a toda produção literária, dramática e musical para a realização de “um poema perfeito” (καλῶς ποιήσις) (Arist. *Po.* 1447a.10). Nesse sentido, no que se refere à poesia, três elementos confluíam para a sua elaboração: o ritmo (ῥυθμός), a linguagem (λόγος) e a harmonia (ἁρμονία). Por **ritmo** entendia-se a repetição periódica no tempo e no espaço de elementos da *mimese* (μίμησις), ou da imitação da natureza feita pelo artista, como no caso da arte dos dançarinos, que se exprimem por meio de gestos cadenciados. No caso da poesia, o ritmo se alcançava pelo metro, ou a composição dos *pés* poéticos, ou seja, a constituição da sequência de sílabas breves ou longas que formavam cada unidade de repetição rítmica, construindo, por exemplo, os pés dáctilos, espondeus e jambos. Por **linguagem** entendia-se o discurso, a intriga, a narrativa, composta pelas palavras. Por **harmonia** entendia-se a concordância dos sons, a inflexão melódica da voz, a própria musicalidade da elocução das palavras (Arist. *Poet.* 1447a.17-25).

Compreende-se de modo fácil, portanto, a natureza intrinsecamente musical das obras poéticas antigas, nas quais a cadência das palavras de uma língua tonal, arranjadas segundo modelos relativamente fixos de esquemas rítmicos das sílabas, permitia a percepção da imanência melódica dos sons formadores dos versos, cujo fim último era a transmissão de um esperado sentimento, seja heroico, trágico, cômico, lírico ou satírico.

Sob esse conceito rítmico-melódico inseparável do fenômeno poético é que qualquer poesia antiga deve, pois, ser traduzida para as línguas modernas, milenarmente diferentes das línguas originais em estrutura, composição e contexto. Para tanto, um conceito físico fornece a metáfora necessária à realização da sempre ingrata tarefa do tradutor: o fenômeno da reverberação. Segundo esse processo físico natural da acústica, para duas cordas vizinhas afinadas na mesma frequência de ondas, ainda que sendo de natureza ou composição diversas, quando uma delas é tocada e posta em movimento, a outra, por reverberação, vibrará imediatamente na mesma frequência sonora. Do mesmo modo, então,

deve-se dar com a tradução da poesia. Metaforicamente, ao ser tocada pelo tradutor a nota poética original, afinada no contexto particular de outro tempo, com o ritmo, o discurso e a musicalidade de outra língua e de outro mundo, dever-se-á reverberar um novo verso na língua de chegada, em seu próprio mundo e de seu próprio tempo. Uma tradução deve ser, por conseguinte, algo como a reverberação. Nesse sentido, o tradutor precisa fazer ecoar em sua própria realidade os sons de outra época, mantendo, porém, sua natureza, ainda que em outro meio inteiramente diverso.

Esse princípio tradutório da reverberação encontra-se, porém, restrito pela própria limitação translática da poesia. No conceito de José Paulo Paes, na entrevista conjunta com Haroldo de Campos e Paulo Vizioli, a tradução “em linhas gerais é a busca de uma aproximação com o texto original, dentro daquela concepção de que a tradução não é equivalente ao texto original, mas um caminho até ele” (CAMPOS, 2011, p. 134). Então, apenas pela construção paralela ao texto original, ou paramórfica, é possível se recuperar algo do sentido primevo do poema, ou transcriá-lo, no sentido haroldiano da técnica tradutória (CAMPOS, 2011, p. 48), ou fazê-lo existir na metafórica corda que entra em reverberação acústica. Apenas por meio da recriação do texto, de modo que ele exista em duas línguas, em dois corpos de informação estética autônoma, mas ligados pela isomorfia das obras, é possível alcançar algo da tradução, já então paralela e independente, ou uma transcrição (CAMPOS, 1992, p. 34).

Por isso, qualquer tradução que pretenda reverberar os versos antigos no mundo atual deverá encontrar um ritmo, um linguajar e uma melodia contemporâneos, que, dada a impossibilidade de transmitir a integralidade ontológica do texto de saída, ambicionem recriar algo dos sentidos e sentimentos originais. Para tanto, contudo, é indispensável que se mantenha algo da distância inarredável do próprio tempo, de modo que alguma estranheza deva persistir nos poemas reverberados na transcrição, como um afastamento dentro da cronologia do próprio idioma contemporâneo. Desse modo, o tradutor deverá buscar no seu idioma também os esquemas métricos que entrem em ressonância com *modos harmônicos* da época de composição do poema, ou, em grego, os *tonoi* (τόνοι), que eram os esquemas melódicos antigos, para assim alcançar no poema traduzido a emoção típica de cada verso original.

E foi sob esses parâmetros estético-literários que elaboramos a proposta de tradução do *Culex* presente neste artigo, composta em versos dodecassílabos, valendo-nos de suas duas possibilidades métricas: o alexandrino e o trimétrico. A tradição literária brasileira, em adesão à prática lusitana que já remontava à tradução das *Bucólicas*, por Leonel da Costa Lusitano e que se remete ao metro usado por Camões, começou, ainda no século XIX, a traduzir os hexâmetros clássicos em versos decassílabos heroicos, como na tradução da *Bucólica I*, de

Virgílio, por José Bonifácio, sob o pseudônimo de Américo Elísio, e nas traduções dos poemas homéricos e virgilianos feitas por Odorico Mendes. No entanto, outras tentativas foram feitas, como nas traduções dos poemas homéricos e da *Eneida* por Carlos Alberto Nunes, em versos que buscavam a extensão silábica original. Porém, a partir do final do século XX, sobretudo com a tradução do *Carmen LXIV* (1996), de Catulo, por João Ângelo Oliva Neto, da *Iliada* (2001-2002), por Haroldo de Campos, das *Bucólicas* (2005), de Raimundo Carvalho, e da *Odisseia* (2011) e da *Iliada* (2020), por Trajano Vieira, o verso de doze sílabas passou a ser uma opção viável para a transposição do hexâmetro greco-latino, em paralelo à opção pelos versos livres, usados por Donald Schüler, na *Odisseia* (2007), ou Christian Werner, nos dois poemas homéricos (*Odisseia*, 2014; *Iliada*, 2019).

Além disso, sendo o *Culex* um poema sobrecarregado de citações, referências e alusões, bastante ao gosto alexandrino e neotérico, pareceu-nos necessário fornecer ao leitor contemporâneo um aparato mínimo de referências, sem as quais o poema torna-se quase impenetrável, com uma ilegível sucessão de epônimos, genealogias, preciosismos e raridades. Foram, assim, discriminadas em notas as principais informações mitológicas, geográficas, históricas, métricas, esticométricas e literárias, a partir das quais se viabiliza a melhor interpretação e fruição do texto.

Por fim, quanto ao texto latino usado, optou-se majoritariamente por aquele estabelecido H. R. Fairclough.

4. Texto latino: CVLEX

Lusimus, Octaui, gracili modulante Thalia,
atque ut araneoli tenuem formauimus orsum;
lusimus: haec propter culicis sint carmina docta,
omnis et historiae per ludum consonet ordo
notitiaeque ducum uoces. Licet inuidus adsit: 5
quisquis erit culpae iocos Musamque paratus,
pondere uel culicis leuior famaue feretur.
Posterius grauiore sono tibi musa loquetur
Nostra, dabunt cum securis mihi tempora fructus,
ut tibi digna tuo poliantur carmina sensu. 10
Latonae magnique Iouis decus, aurea proles,
Phoebus erit nostri princeps et carminis auctor
et recinente lyra fautor, siue educat illum
Arna Chimaeraeo Xanthi perfusa liquore,
seu decus Asteriae seu qua Parnasia rupes 15
hinc atque hinc patula praepandit cornua fronte,

Castaliaeque sonans liquido pede labitur unda.
 Quare, Pierii laticis decus, ite, sorores
 Naides, et celebrate deum ludente chorea.
 Et tu, sancta Pales, ad quam uentura recurrit 20
 agrestum fetura boum, sit cura tenentis
 arios nemorum cultus siluasque uirentes.
 Te cultrice uagus saltus feror inter et antra.
 Et tu, cui meritis oritur fiducia chartis,
 Octaui uenerande, meis adlabere coeptis, 25
 sancte puer, tibi namque canit non pagina bellum
 triste Iouis patrisque; [canit non pagina bellum],
 Phlegra, Giganteo sparsa est quo sanguine tellus,
 nec Centaureos Lapithas compellit in enses,
 urit Erichonias Oriens non ignibus arces, 30
 non perfossus Athos nec magno uincula Ponto
 iacta meo quaerent iam sera uolumine famam,
 non Hellespontus pedibus pulsatus equorum,
 Graecia cum timuit uenientis undique Persas;
 mollia sed tenui pede currere carmina uersu 35
 uiribus apta suis Phoebos duce ludere gaudet.
 Hoc tibi, sancte puer; memorabilis et tibi certet
 gloria perpetuum lucens mansura per aeuum,
 et tibi sede pia maneat locus, et tibi sospes
 debita felices memoretur uita per annos, 40
 grata bonis lucens. Sed nos ad coepta feramur.
 Igneus aetherias iam sol penetrabat in arces
 candidaque aurato quatiebat lumina curru,
 crinibus et roseis tenebras Aurora fugarat,
 propulit e stabulis ad pabula laeta capellas 45
 pastor, et excelsi montis iuga summa petiuit,
 lurida qua patulos uelabant gramina colles.
 Iam siluis dumisque uagae, iam uallibus abdunt
 corpora, iamque omni celeres e parte uagantes
 tondebant tenero uiridantia gramina morsu. 50
 Scrupea desertas haerebant ad caua rupes,
 pendula proiectis carpuntur et arbuta ramis,
 densaque uirgultis auide labrusca petuntur.
 Haec suspensa rapit carpente cacumina morsu,
 uel salicis lentae uel quae noua nascitur alnus; 55

haec teneras fruticum sentes rimatur, at illa
imminet in riui praestantis imaginis undam.
O bona pastoris (si quis non pauperis usum
mente prius docta fastidiat et probet illis
somnia luxuriae spretis) incognita curis 60
quae lacerant auidas inimico pectore mentes!
Si non Assyrio fuerint bis lota colore
Attalicy opibus data uellera, si nitor auri
sub laqueare domus animum non angit auarum,
picturaeque decus, lapidum nec fulgor in ulla 65
cognitus utilitate manet, nec pocula gratum
Alconis referent Boethique toreuma, nec Indi
conchea baca maris pretio est, at pectore puro
saepe super tenero prosternit gramine corpus,
florida cum tellus, gemmantes picta per herbas, 70
uere notat dulci distincta coloribus arua.
Atque illum calamo laetum recinente palustri,
otiaque inuidia degentem et fraude remota,
pollentemque sibi, uiridi cum palmite lucens
Tmolia pampineo subter coma uelat amictu. 75
Illi sunt gratae rorantes lacte capellae,
et nemus et fecunda Pales et uallibus intus
semper opaca nouis manantia fontibus antra.
Quis magis optato queat esse beator aeuo,
quam qui mente procul pura sensuque probando 80
non auidas agnouit opes nec tristia bella,
nec funesta timet ualidae certamina classis,
nec, spoliis dum sancta deum fulgentibus ornet
templa uel euctus finem transcendat habendi,
aduersum saeuus ultro caput hostibus offert? 85
Illi falce deus colitur non arte politus,
ille colit lucos, illi Panchaia tura
floribus agrestes herbae uariantibus adsunt,
illi dulcis adest requies et pura uoluptas,
libera, simplicibus curis; huic imminet, omnis 90
derigit huc sensus, haec cura est subdita cordi,
quolibet ut requie uictu contentus abundet,
iucundoque liget languentia corpora somno.
O pecudes, o Panes et o gratissima Tempe
frondis Hamadryadum, quarum non diuite cultu 95

aemulus Ascraeo pastor sibi quisque poetae securam placido traducit pectore uitam. Talibus in studiis baculo dum nixus apricas pastor agit curas et dum non arte canora compacta solitum modulatur harundine carmen,	100
tendit ineuctus radios Hyperionis ardor, lucidaque aetherio ponit discrimina mundo, qua iacit Oceanum flammam in utrumque rapaces. Et iam compellente uagae pastore capellae ima susurrantis repetebant ad uada lymphae,	105
quae subter uiridem residebant caerulea muscum. Iam medias operum partes euectus erat sol, cum densas pastor pecudes cogebat in umbras. Et procul aspexit luco residere uirenti Delia diua, tuo, quo quondam uicta furore	110
uenit Nyctelium fugiens Cadmeis Agaue, infandas scelerata manus et caede cruenta quae gelidis bacchata iugis requieuit in antro posterius poenam nati de morte datura.	
Hic etiam uiridi ludentes Panes in herba et Satyri Dryadesque chorus egere puellae Naiadum coetu. Tantum non Oeagrius Hebrum restantem tenuit ripis siluasque canendo, quantum te, pernix, remorantem, diua, chorea multa tuo laetae fundentes gaudia uultu,	115 120
ipsa loci natura domum resonante susurro quis dabat et dulci fessas refouebat in umbra. Nam primum prona surgebant ualle patentes aeriae platanus, inter quas impia lotos, impia, quae socios Ithaci maerentis abegit, hospita dum nimia tenuit dulcedine captos.	125
At quibus ignipedum curru proiectus equorum ambustus Phaethon luctu mutauerat artus, Heliades, teneris implexae bracchia truncis, candida fundebant tentis uelamina ramis.	130
Posterius, cui Demophoon aeterna reliquit perfidiam lamentandi mala : perfide multis, perfide Demophoon et nunc deflende puellis! Quam comitabantur, fatalia carmina, quercus, quercus ante datae Cereris quam semina uitae:	135

illae Triptolemi mutauit sulcus aristas.
Hic magnum Argoae nauis decus, edita pinus,
proceras decorata siluas, hirsuta per artus
appetit aeriis contingere montibus astra.
Ilicis et nigrae species, Lethaea cupressus 140
umbrosaeque manent fagus hederaeque ligantes
brachia, fraternos plangat ne populus ictus,
ipsaeque excedunt ad summa cacumina lentae
pinguntque aureolos uiridi pallore corymbos.
Quis aderat ueteris myrtus non nescia fati. 145
At uolucres patulis residentes dulcia ramis
carmina per uarios edunt resonantia cantus.
His suberat gelidis manans e fontibus unda,
quae leuibus placidum riuis sonat acta liquorem,
et quanquam geminas auium uox obstrepit aures, 150
hac querulae referunt uoces quis nantia limo
corpora lymphae fouet; sonitus alit aeris Echo,
argutis et cuncta fremunt ardore cicadis.
At circa passim fessae cubuere capellae
excelsis subter dumis, quos leniter adflans 155
aura susurrantis poscit confundere uenti.
Pastor, ut ad fontem densa requieuit in umbra,
mitem concepit, proiectus membra soporem,
anxius insidiis nullis, sed, lentus in herbis,
seculo pressos somno mandauerat artus. 160
Stratus humi dulcem capiebat corde quietem,
ni Fors incertos iussisset ducere casus.
Nam solitum uoluens ad tempus tractibus isdem
immanis uario maculatus corpore serpens,
mersus ut in limo magno subsideret aestu, 165
obuia uibranti carpens, grauis aere, lingua
squamosos late torquebat motibus orbes:
tollebant aurae uenientis ad omnia uisus.
Iam magis atque magis corpus reuolubile uoluens
attollit nitidis pectus fulgoribus et se 170
sublimi ceruice caput, cui crista superne
edita, purpureo lucens maculatur amictu
aspectuque micant flammantia lumina toruo.
Metabat late circum loca, cum uidet ingens
aduersum recubare ducem gregis, acrior instat 175

lumina diffundens intendere et obuia toruus saeuius arripiens infringere, quod sua quisquam ad uada uenisset. Naturae comparat arma, ardet mente, furit stridoribus, intonat ore, flexibus euersis torquentur corporis orbis,	180
manant sanguineae per tractus undique guttae, spiritibus rumpit fauces. Cui cuncta paranti paruulus hunc prior humoris conterret alumnus, et mortem uitare monet per acumina: namque qua diducta genas pandebant lumina gemmis,	185
hac senioris erat naturae pupula telo icta leui, cum prosiluit furibundus et illum obtritum morti misit ; cui dissitus omnis spiritus et cessit sensus. Tum torua tenentem lumina respexit serpentem comminus, inde	190
impiger, exanimis, uix compos mente, refugit et ualidum dextra detraxit ab arbore truncum. (Cui casus sociarit opem numenue deorum prodere sit dubium, ualuit sed uincere talis horrida squamosi uoluentia membra draconis),	195
atque reluctantis crebris foedeque petentis ictibus ossa ferit, cingunt qua tempora cristae. Et quod erat tardus omni languore remoto, nescius aspiciens, et timor caecauerat artus, hoc minus implicuit dira formidine mentem.	200
quem postquam uidit caesum languescere, sedit. Iam quatit et biiugis oriens Erebeis equos Nox, et piger aurata procedit Vesper ab Oeta, cum grege compulsio pastor duplicantibus umbris uadit et in fessos requiem dare comparat artus.	205
Cuius ut intrauit leuior per corpora somnus languidaque effuso requierunt membra sopore, effigies ad eum culicis deuenit et illi tristis ab euentu cecinit conuicia mortis.	
«Quis» inquit «meritis ad quae delatus acerbas cogor adire uices? Tua dum mihi carior ipsa uita fuit uita, rapior per inania uentis.	210
Tu lentus refoues iucunda membra quiete, ereptus taetris e cladibus; at mea manes uiscera Lethaeas cogunt tranare per undas;	215

praeda Charonis agor. Vidi ut flagrantia taedis
limina collucent infestis omnia templis.
Obuia Tisiphone, serpentibus undique compta,
et flammas et saeua quatit mihi uerbera, pone,
Cerberus (ut diris flagrant latratibus ora!), 220
anguibus hinc atque hinc horrent cui colla reflexis,
sanguineique micant ardorem luminis orbes.
Heu! quid ab officio digressa est gratia, cum te
restitui superis leti iam limine ab ipso?
Praemia sunt pietatis ubi, pietatis honores? 225
in uanas abiere uices! Et rure recessit
Iustitiae et prior illa fides? Instantia uidi
alterius, sine respectu mea fata relinquens.
ad pariles agor euentus. Fit poena merenti.
Poena fit exitium; modo sit dum grata uoluntas. 230
Existat par officium. Feror auia carpens,
auia Cimmerios inter distantia lucos:
quem circa tristes densentur in omnia Poenae
nam uinctus sedet immanis serpentibus Otos,
deuinctum maestus procul aspiciens Ephialten, 235
conati quondam cum sint inscendere mundum.
Et Tityos, Latona, tuae memor anxius irae
(implacabilis ira nimis) iacet alitis esca.
Terreor, a! tantis insistere, terreor, umbris.
Ad Stygias reuocatus aquas uix ultimus amni 240
restat nectareas diuum qui prodidit escas,
gutturis arenti reuolutus in omnia sensu.
Quid, saxum procul aduerso qui monte reuoluit,
contempsisse dolor quem numina uincit acerbans ?
Otia quaerentem frustra, simul ite, puellae, 245
ite, quibus taedas accendit tristis Erinys.
Sicut Hymen praefata dedit conubia mortis [...].
Atque alias alio densas super agmine turmas,
impietate fera uecordem Colchida matrem,
anxia sollicitis meditantem uulnera natis; 250
iam Pandionias miserandas prole puellas,
quarum uox "Ityn" edit "Ityn", quo Bistonius rex
orbis, epops, maeret uolucres euectus in auras.
At discordantes Cadmeo semine fratres
iam truculenta ferunt infestaque lumina corpus 255

alter in alterius, iamque auersatus uterque, impia germani manat quod sanguine dextra. Eheu ! Mutandus numquam labor! Auferor ultra in diuersa magis, distantia numina cerno.	
Elysium tranandus agor delatus ad undam.	260
Obuia Persephone comites heroidas urget aduersas praeferre faces. Alcestis ab omni inuiolata uacat cura, quod saeua mariti in Chalcodoniis Admeti fata morata est.	
Ecce Ithaci coniunx, semper decus, Icarotis, femineum conspecta manet, et procul illa turba ferox iuuenum telis confixa procorum. Quid misera Eurydice, tanto maerore recesti? Poenaque respectus et nunc manet Orpheus, in te.	265
Audax ille quidem, qui mitem Cerberon umquam credidit aut ulli Ditis placabile numen, nec timuit Phlegethonta furentem ardentibus undis, nec maesta obtenta Ditis ferrugine regna, defossasque domos ac Tartara nocte cruenta obsita, nec faciles Ditis sine iudice sedes, iudice, qui uitae post mortem uindicat acta. Sed fortuna ualens audacem fecerat ante.	270
Iam rapidi steterant amnes et turba ferarum blanda uoce sequax regionem insederat Orphei; iamque imam uiridi radicem mouerat alte quercus humo, steterant amnes, siluaeque sonorae sponte sua cantus rapiebant cortice auara.	275
Labentis biiuges etiam per sidera Lunae pressit equos et tu currentis, menstrua uirgo, auditura lyram tenuisti nocte relicta.	280
Haec eadem potuit, Ditis, te uincere, coniunx, Eurydicenque uiro ducendam reddere; non fas, non erat in uitam diuae exorabile mortis. Illa quidem nimium manes experta seueros praeceptum signabat iter, nec rettulit intus lumina nec diuae corrupit munera lingua.	285
Sed tu crudelis, crudelis tu magis, Orpheu, oscula cara petens rupisti iussa deorum. Dignus amor uenia, ueniam si Tartara nossent. Peccatum meminisse graue est. Vos sede piorum,	290
	295

uos manet heroum contra manus. Hic et uterque
Aeacides (Peleus namque et Telamonia uirtus
per secura patris laetantur numina, quorum
conubiis Venus et Virtus iniunxit honorem.
Nunc rapuit serua, ast illum Nereis amauit) 300
assidet, hic iuuenes, sociatae gloria sortis.
Alter, in excidium referens a nauibus ignes
Argolicis Phrygios torua feritate repulsos.
O quis non referat talis diuortia belli,
quae Troiae uidere uiri uidereque Graii, 305
Teucra cum magno manaret sanguine tellus,
et Simois Xanthique liquor, Sigeaque propter
littora, cum Troas saeui ducis Hectoris ira
uideret in classes inimica mente Pelasgas,
uulnera, tela, neces, ignes inferre paratos. 310
Ipsa iugis namque Ida potens, feritatis et ipsa
Ida faces altrix cupidis praebebat alumnis,
omnis ut in cineres Rhoetei littoris ora
classibus ambustis flamma lacrimante daretur.
Hinc erat oppositus contra Telamonius heros, 315
obiectoque dabat clipeo certamina, et illinc
Hector erat, Troiae summum decus, acer uterque,
fulminibus ueluti fragor edita turbinis instar
tegminibus telisque alter, si classibus Argos
eriperet reditus; alter Vulcania ferro 320
uulnera protectus depellere nauibus instat.
Hoc erat Aeacides uultu laetatus honore,
Dardaniaeque alter fuso quod sanguine campis
Hectoreo uictor lustrauit corpore Troiam.
Rursus acerba fremunt, Paris hunc quod letat et huius 325
alta dolis Ithaci uirtus quod concidit icta.
Huic gerit auersos proles Laertia uultus,
et iam Strymonii Rhesi uictorque Dolonis
Pallade iam laetatur ouans, rursusque tremescit:
iam Ciconas iamiamque horret Lestrigone ipse; 330
illum Scylla rapax canibus succincta Molossis,
Aetnaeusque Cyclops, illum Zanclea Charybdis
pallentesque lacus et squalida Tartara terrent.
Hic et Tantaleae generamen prolis Atrides
adsidet, Argium lumen, quo flamma regente 335

Doris Ericthonias prostravit funditus arces ;
reddidit, heu ! Graius poenas tibi, Troia, furenti,
Hellespontiatis obiturus reddidit undis.

Illa uices hominum testata est copia quondam,
ne quisquam propriae fortunae munere diues 340
iret ineuctus caelum super ; omne propinquo
frangitur inuidiae telo decus ; ibat in altum
uis Argea petens patriam, ditataque praeda
arcis Ericthoniae ; comes huic erat aura secunda
per placidum cursu pelagus. Nereis ab unda 345
signa dabat, pars flexis super alta carinis:
cum seu caelesti fato, seu sideris ortu
undique mutatur caeli nitor, omnia uentis,
omnia turbinibus sunt anxia; iam maris unda
sideribus certat consurgere, iamque superne 350
corripere et soles et sidera cuncta minatur,
ac ruere in terras caeli fragor. Hic modo laetans
copia nunc miseris circumdatur anxia fatis,
immoriturque super fluctus et saxa Capherei,
Euboicas aut per cautes Aegaeaeque late 355
littora, cum Phrygiae passim uaga praeda peremptae
omnis in aequorem fluitat iam naufraga fluctu.
Hic alii resident pariles uirtutis honore
heroes mediisque siti sunt sedibus omnes,
omnes, Roma decus magni quos suspicit orbis. 360
Hic Fabii Deciique, hic est et Horatia uirtus,
hic et fama uetus, numquam moritura, Camilli,
Curtius et, mediis quem quondam sedibus Urbis
deuotum bellis consumpsit gurgis unda,
Mucius et prudens ardorem corpore passus, 365
cui cessit Lydi timefacta potentia regis ;
hic Curius clarae socius uirtutis et ille
Flaminius, deuota dedit qui corpora flammae:
iure igitur tales sedes pietatis honores.

Scipiadisque duces, quorum deiecta triumphis 370
moenia rapidis Libycae Carthaginis horrent.
Illi laude sua uigeant: ego Ditis opacos
cogor adire lacus, uiduos, a lumine Phoebi,
et uastum Phlegethonta pati, quo, maxime Minos,
conscelerata pia discernis uincula sede. 375

Ergo iam causam mortis, iam dicere uitae,
uerberibus saeuae cogunt ab iudice Poenae,
cum mihi tu sis causa mali, nec conscius adsis;
sed tolerabilibus curis haec immemor audis,
et tamen, ut uadis, dimittes omnia uentis. 380
Digredior numquam rediturus; tu cole fontes
et uiridis nemorum siluas et pascua laetus,
at mea diffusas rapiantur dicta per auras.»
Dixit et extrema tristis cum uoce recessit.
Hunc ubi sollicitum dimisit inertia uitae 385
interius grauiter regementem, nec tulit ultra
sensibus infusum culicis de morte dolorem,
quantumcumque sibi uires tribuere seniles,
(quis tamen infestum pugnans deuicerat hostem),
riuum propter aquae, uiridi sub fronde latentem 390
conformare locum capit impiger, hunc et in orbem
destinat ac ferri capulum repetiuit in usum,
gramineam ut uiridi foderet de caespite terram,
iam memor inceptum peragens sibi cura laborem
congestum cumulauit opus, atque aggere multo 395
telluris tumulus formatum creuit in orbem,
quem circum lapidem leui de marmore formans
conserit, assiduae curae memor. Hic et acanthos
et rosa purpureum crescent pudibunda ruborem,
et uiolae omne genus ; hic est et Spartica myrtus 400
atque hyacinthos et hic Cilici crocus editus aruo,
laurus item Phoebi decus ingens, hic rhododaphne
liliaque et roris non auia cura marini.
Herbaque turis opes priscis imitata Sabina,
chrysanthusque hederaeque nitor pallente corymbo 405
et bocchus Libyae regis memor ; hic amarantus
bumastusque uirens et semper florida tinus.
Non illinc narcissus abest, cui gloria formae
igne Cupidineo proprios exarsit in artus,
et, quoscumque nouant uernantia tempora flores, 410
his tumulus super inseritur; tum fronte locatur
elogium, tacita format quod littera uoce:
“Parue culex pecudum custos tibi tale merenti
funeris officium uitae pro munere reddit”. 414

5. Tradução: *O Mosquito*

Temos brincado,¹ Otávio,² no ritmo de Tália,³
 e, como aranhazinhas, fino⁴ início⁵ urdimos;
 seja⁶ sobre um mosquito este canto erudito;
 com graça à história se harmonize a exposição;
 e à fama, a voz dos chefes. Que venha o invejoso: 5
 quem quer que queira reprovar a Musa e os jogos,
 terá peso e renome⁷ menor que um mosquito.
 Depois, mais grave, há de cantar-te nossa Musa
 quando os tempos nos derem frutos mais seguros,
 com que pra ti se limem⁸ versos a teu gosto. 10
 O orgulho de Latona e de Jove áurea prole,
 Febo será guia e mentor de nossos versos,
 meu protetor co' a soante lira – quer o nutra
 Arna banhada por quiméria água do Xanto,⁹
 quer o orgulho da Astéria,¹⁰ quer onde o Parnaso 15
 estende aqui e ali na larga frente os picos,¹¹

¹ A escolha pelo uso verbal do pretérito perfeito composto no português deu-se apenas para, ao menos no primeiro verso da tradução, manter-se o *ictus* inicial do hexâmetro.

² A identificação do *Octavius*, a quem foi dedicado o poema, é objeto de acirrada discussão acadêmica. H. Fairclough considerava que se referisse a *Gaius Octavius*, posteriormente *Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus*, o futuro imperador Augusto, apesar da pouca possibilidade de Virgílio o haver conhecido quando ainda tinha menos de dezesseis anos (FAIRCLOUGH, 1922). Por seu turno, Maurice Rat propôs que a personagem se tratasse de Otávio Musa, o historiador mantuano condiscípulo de Virgílio e amigo de Horácio (RAT, 1935).

³ *Thalia* era uma das musas. Sua presença no primeiro verso remete a Verg. *Ecl.* 6.2. Mais precisamente, toda a abertura do *Culex* remete à abertura da VI *Bucólica*.

⁴ *Tenuis*, no original, remete aos poetas alexandrinos e neotéricos, mas também a Verg. *Ecl.* 6.8.

⁵ *Orsum*, no original, carrega tanto o significado de “início” quanto de “teia”, o que não pode ser transposto para o português. No entanto, o verbo *urdir*, usado para a confecção das tramas, recupera algo do sentido original

⁶ Por questão métrica, foi suprimida a repetição do verbo *lusimus*, que, no entanto, não prejudica o entendimento.

⁷ Compensou-se aqui *notitiae*, do verso 5, por *fama*.

⁸ *Poliantur* remete a Catull. 1.1-2: *Cui dono lepidum nouum libellum/arido modo pumice expolitur?* – “A quem ofereço este gracioso livrinho novo, há pouco polido com áspera pedra-pome?”

⁹ Arna foi uma cidade da Lícia. Nessa região, nos Montes Brancos, atualmente montes Boncuk, nasce o antigo rio Xanto, também chamado Escamandro, que passava perto de Troia. O rio se relaciona com a Quimera em razão de Belerofonte haver matado o monstro, a mando de Ióbates, na Lícia. Toda a região se relaciona a Apolo em razão do antigo templo dedicado a Leto (Latona para os romanos), mãe de Apolo e Ártemis (Diana para os romanos).

¹⁰ Astéria é outro nome de Delos, como reportado em Plin. *HN* 4.66.8. Trata-se da ilha no mar Egeu, onde se considerava que Apolo e Ártemis haviam nascido, e por isso foi um dos locais de maior culto aos deuses.

¹¹ O monte Parnaso se localiza próximo de Delfos. Lá Apolo teria matado a serpente Píton e se tornado o oráculo do templo a ele dedicado.

e da Castália flui ritmada¹² a água sonante.¹³
Por isso, Náiades, orgulho da Piéria
ide, irmãs, celebrai coro lúdico ao deus.¹⁴
Santa Pales,¹⁵ a quem o porvir dos campônios 20
do gado pede a parição, guarda os que cuidam
dos aéreos cultivos da mata e das selvas;
vou, por ti protegido, entre montes e grutas.
Tu, por cujos escritos¹⁶ surge a confiança,
ó Otávio venerando, acede a meus projetos. 25
Santo moço,¹⁷ esta página pra ti não canta
triste de Jove a guerra, nem do Flegra [a guerra]¹⁸
nem o chão pelo sangue giganteu banhado,¹⁹
nem os lápitas lança contra armas centáureas²⁰,
nem arde o Oriente as erictônias fortalezas,²¹ 30
nem o Atos escavado,²² nem grilhões ao mar
lançados buscarão tarda fama a meu livro,²³
nem o Helesponto por corcéis pisoteado²⁴
quando a Grécia temeu a chegada dos persas;²⁵

¹² *Liquido pede*, literalmente, seria “com cristalino pé”, lembrando-se que o ritmo na poesia greco-latina se construiu pela sucessão dos pés métricos.

¹³ Castália era uma náiade, que foi transformada por Apolo em uma fonte perto de Delfos. Acreditava-se que o som de suas águas inspirava os poetas.

¹⁴ Foi na Piéria que nasceram as nove musas que, em Virgílio, se relacionam às náiades (Verg. *Ecl.* 10, 9-10).

¹⁵ Deusa romana protetora dos pastores e rebanhos. (Verg. *Ecl.* 5.35; e *G.* 3.1-2 e 291 e ss.).

¹⁶ Nas notas à tradução de Arturo Ruiz, apresenta-se a hipótese de *meritae chartae* se referirem ao testamento de César, que nomeou Otávio seu sucessor político (VIRGILIO MARÓN, 2008).

¹⁷ Nova referência a Otávio, citado no verso 1. Fairclough, que afirma se tratar de Augusto, apresenta a hipótese de que os epítetos *uenerandus* e *sanctus* se refiram ao fato de o jovem já envergar ao mesmo tempo a toga de sacerdote e magistrado (FAIRCLOUGH, 1922).

¹⁸ Nos principais manuscritos, o verso 27 repete o segundo hemistíquio do verso 26 (ST. LOUIS, 2001, p. 125). Na tradução, optei por excluir o trecho.

¹⁹ Na *Gigantomaquia*, de rica notícia nas fontes (Homero, Higino, Ovídio, Apolodoro, Cláudio Claudiano), os deuses olímpicos, comandados por Zeus/Júpiter, enfrentaram e venceram os gigantes, filhos de Gaia/Terra, em Flegra (que se traduz por “terra ardente”). A *Gigantomaquia* está representada nas métopas do lado leste do Pártenon, em Atenas.

²⁰ Referência à *Centauromaquia* (Ov. *Met.* 12). Nas bodas de Hipodâmia, os centauros, embriagados, tentaram violar a noiva. Os lápitas, povo da Tessália, impediram a investida, e houve a guerra. A *Centauromaquia* também está representada nas métopas que foram retiradas do lado sul do Pártenon, em Atenas.

²¹ Referência ao incêndio da Acrópole, na guerra contra os persas, em 480 a.C. Erecteu foi um dos primeiros reis de Atenas, filho de Hefesto e Terra (Verg. *G.* 3.113).

²² Referência ao “Canal de Xerxes”, um fosso escavado no istmo da península Calcídica, para passagem da frota persa (HDT. 7.22).

²³ Quando a frota de Xerxes foi derrotada em Dardanelos, ele mandou chicotear o mar, marcá-lo a ferro e lançar nele grilhões, como forma simbólica de punição (HDT. 7.35).

²⁴ Referência a Lucrécio: *Et contempsit equis insultans murmura ponti* – “Insultando com seus cavalos, ele desprezou os murmúrios do mar” (Lucr. 3, 1045).

²⁵ Referência à passagem da cavalaria persa sobre o Helesponto, em uma ponte construída por navios emparelhados.

mas ela entoa em leve verso um suave canto, 35
 apto a suas forças, e por Febo guiada brinca.
 Isso pra ti, sagrado moço, e por ti lute
 a memorável glória perpétua a brilhar;
 haja lugar pra ti na piedosa mansão,
 e a vida sã por gratos anos te recorde, 40
 exitoso a luzir. Mas à empresa voltemos.
 Ígneo o sol já adentrava as etéreas alturas
 e alvas luzes co' o carro dourado agitava,
 co' a rósea cabeleira Aurora o breu banira;
 do redil o pastor fez sair as cabritas 45
 ao fértil pasto, e ao topo do monte seguiu,
 onde a pálida relva cobria a colina.
 Já a errar por entre as moitas, se ocultam nos vales,
 e já por toda parte vagando ligeiras
 tosavam verde grama com brandas mordidas. 50
 As cabras na erma rocha aos cavos se prendiam,
 arrancavam, nos galhos, pendentes medronhos
 e, ávidas, na labrusca²⁶ as gavinhas buscavam.
 Pendurada, uma arranca a dentadas os brotos
 quer de fléxil salgueiro, quer de álamo novo; 55
 outra, tenros espinhos nascidos nas brenhas;
 outra mais sobre espelho do rio se inclina.
 Ó bem-aventurança do pastor²⁷ (se há douto²⁸
 que o costume dos pobres não desdenhe e os sonhos
 de luxúria não preze),²⁹ livre da inquietude 60
 que fere ávidas mentes co' hostil coração!
 Mesmo se a lã comprada co' a riqueza atálica³⁰
 duas vezes não for banhada em tinta assíria,³¹
 e o dourado do friso e as pinturas da casa
 o avaro não oprimam,³² mesmo sem o brilho 65
 de inúteis pedrarias, nem ostente a taça

²⁶ Tipo de videira selvagem (Verg. *Ecl.* 5.7).

²⁷ A bem-aventurança do pastor (*bona pastoris*) é *topos* literário. Trata-se da contraposição entre a vida campestre e a cidadina, encontrada, na literatura latina (Lucr. 2, 24; Verg., *G.* 2.458; Tib. 1.5.19, 2.1.37).

²⁸ Por questões métricas, optou-se traduzir resumidamente *si quis ... mente docta* por “se há douto”.

²⁹ O *Non* no verso 58 se refere a *fastidiat* e a *probet*.

³⁰ Átalo II, rei de Pérgamo (220 a 138 a.C.), também chamado Filadelfo. Sua célebre riqueza tornou-se proverbial (Hor. *Carm.* 1.1.12; Prop. 2.13.22).

³¹ *Assyrius color* é a púrpura, extraída do molusco *murex*. Segundo Plínio, o velho, a púrpura dos tírios só é menos elogiada do que a dos puteolanos (Plin. *HN* 35.26.45).

³² Há aqui possíveis ecos de Lucrécio (Lucr. 2.22-25).

os labores de Boeto³³ e Álcón,³⁴ e da Índia
pérolas não lhe valham, tendo o peito puro
amiúde ele recosta o corpo em tenra grama,³⁵ 70
quando a terra florida e juncada de brotos
mostra, na primavera, variegado o campo.
E ele, contente toca uma cana brejeira,³⁶
fruindo o repouso, livre de invejas e enganos,
senhor de si, enquanto as tmólias verdes folhas
brilhantes o recobrem com pampíneo manto.³⁷ 75
Alegram-no as cabritas repletas de leite,
a mata, a fértil Pales, o fundo dos vales
e a gruta sempre escura, a minar novas fontes.
Quem mais feliz seria em prazenteiro tempo
do que quem, retirado, com ânimo puro, 80
o ouro invejado e as tristes guerras³⁸ não conhece,
nem teme aziagas lutas da válida esquadra,
nem para ornar os templos dos deuses co' espólios,
ou para ultrapassar os limites que tem,
oferece a cabeça aos cruéis inimigos? 85
Ele cultua um deus feito a foice, sem arte,³⁹
adora o bosque e tem por incenso pancaio⁴⁰
o silvestre ervaçal adornado de flores,
tem o doce repouso e o prazer livre e puro,
e um único receio; pra esse se inclina,⁴¹ 90
toda atenção dirige, escondida no peito:
que em qualquer parte tenha alimento e descanso
e que, contente, entregue o corpo exausto ao sono.

115

³³ Boeto provavelmente se refere ao cinzelador cartaginês (Cic. *Verr.* 4, 32; Plin. *HN.* 33.55).

³⁴ Álcón pode se referir ao cinzelador de uma estátua em ferro de Hércules, em Rodes, (Plin. *HN.* 34.55), ou ao escultor mencionado por Ovídio (Ov. *Met.* 13.683).

³⁵ *Topos* literário do pastor recostado na relva (Lucr. 2.29, 5.1392; Verg. *Ecl.* 1.1, 1.75; G. 2.527).

³⁶ *Calamo palustre* é o junco do pântano, com que eram feitas as flautas pastoris, também chamadas flautas de Pã.

³⁷ Tmolo era uma montanha da Lícia, célebre produtora de vinhas (Verg. *G.* 2.98).

³⁸ Provável referência à *Arte Poética* horaciana que, no verso 73, ao mencionar Homero, usa a expressão *tristia bella*.

³⁹ Priapo, deus da fertilidade, protetor dos hortos e jardins. Um dos conjuntos de poemas da *Appendix* é a Priapeia. Quanto à rusticidade de Priapo, cf. *Appendix Vergiliana, Priapea* 2,1-5: *Ego haec, ego arte fabricata rustica,/ ego arida, o uiator, ecce populus,/ agellulum hunc, sinistra et ante quem uides,/ erique uillulam hortulumque pauperis tuor,/ malaque furis arceo manu* – “Com arte rústica feito eu sou,/ ó passante; sou um álamo seco;/ deste campo que vês à tua esquerda,/ do jardim e da casa de um pobre/ cuido e afasto a mão má do ladrão.”

⁴⁰ Pancaia é uma região da *Arabia Felix*, produtor de luxuoso incenso (Verg. *G.* 2.139).

⁴¹ Majoritariamente, o verbo *imminere* rege acusativo ou genitivo (cf. *Lewis & Short's Latin Dictionary*). No entanto, talvez por influência de Catulo, o autor do *Culex* usa-o aqui com o dativo *huic*. Cf. Catull. 61.164-166: *aspice, intus ut accubans/ uir tuus Tyrio on toro/ totus immineat tibi*.

Ó rebanhos, ó Pãs,⁴² ó deleitoso Tempe⁴³
 das frondes⁴⁴ de hamadriades,⁴⁵ das quais em culto 95
 cada pastor rival do ascreu,⁴⁶ à sua maneira,
 co' o coração sereno passa calma a vida.
 Enquanto em tais afãs, no cajado apoiado⁴⁷
 o pastor faz ao sol seu trabalho e, sem arte,
 com a flauta modula canção costumeira, 100
 a pino, o ardor de Hipérion⁴⁸ estende seus raios
 e diferentes luzes espalha no céu
 co' as quais rapaces flamas lança aos Oceanos.⁴⁹
 Guiadas pelo pastor, as cabritas errantes
 já voltavam ao vau das águas sussurrantes 105
 abrigado no azul sob o víride musgo.
 No meio dos trabalhos se elevava o sol,⁵⁰
 quando o pastor nas sombras ajuntava a grei.
 Longe, a cadmeia Agave⁵¹ viu descansar

⁴² Pã é um dos deuses protetores dos pastores (Verg. *Ecl.* 2.31-33; 4.58-59; 8.24; 10. 26).

⁴³ Vale da Tessália, circundado pelos montes Olimpo, Ossa e Pélio, cortado pelo rio Peneu (Verg. *G.* 2.469).

⁴⁴ O texto original apresenta divergência, entre *fontis* e *frondis*. Preferi a segunda opção, proposta por Nicolaas Hensius, por coerência com as hamadriades (ST. LOUISE, 2001. p. 134).

⁴⁵ As hamadriades eram ninfas das árvores (Prop. 1, 20, 12).

⁴⁶ O poeta ascreu é Hesíodo, por haver nascido em Ascra, na Beócia (Hes. *Op.* l 640; Verg. *Aen.* 6.70; *G.* 2.176, *Ov. Am.* 1.15.11).

⁴⁷ A imagem do pastor apoiado no cajado é um *topos* (Verg. *G.* 2.176).

⁴⁸ Um dos titãs, filho de Urano e Terra, e pai do Sol (Cic. *Nat. D.* 3.54), mas também o próprio sol, como aqui se apresenta (Verg. *Aen.* 6.725; *Ov. Met.* 8.565).

⁴⁹ *In utrumque oceanum*, no original, traduz-se por “em um e em outro oceano”. Por questões métricas, optou-se por “aos Oceanos”.

⁵⁰ Indicação do meio-dia.

⁵¹ Para facilitar a leitura, foi desfeito o anacoluto presente no original, de modo que Agave, sujeito da oração, foi trazida para o início da construção. O anacoluto no latim se torna de mais fácil compreensão, em razão dos casos, inexistentes em português. Na sequência, Agave, filha de Cadmo e Harmonia, reis de Tebas, era mãe de Penteu, cuja morte é objeto da trama de *As Bacantes*, de Eurípides. Na tragédia, Penteu, por não reconhecer a divindade de Dioniso, proíbe seu culto. Em punição, Dioniso o atrai ao bosque onde se celebrava o culto ao deus; descoberto, Penteu é morto e esquartejado pelas bacantes, entre elas Agave, sua mãe, que o confundiu com um leão (Eur. *Bacch.* 1043-1147). Outra versão para o filicídio perpetrado por Agave se encontra em Ovídio, *Met.* 3,725. Uma intrincada leitura de Ellis tenta determinar o local onde se passa a história do pastor e do mosquito. Para ele, o arvoredo citado nos versos 109-114 se encontra em Tebas. Para tanto, ele remete a Luc. 6.355-359, que se refere ao episódio de Agave e Penteu. Nesse trecho de Lucano, são catalogadas as cidades da Tessália, então chamada Argos, e sua vizinha, Tebas. Note-se que essa Tebas não é a beócia, mas a da Ftia, próxima de Lárisa, na Ilíria. Para embasar sua argumentação, ele remete a Hyg. *Fab.* VI, CLXXXIV e CCXL (CADMUS; PENTHEVS ET AGAVE; QUAE CONIVGES SVOS OCCIDERVNT), onde se encontra a informação de que Agave, após matar Penteu, fugiu para a Ilíria, e que Cadmo, ao morrer na Ilíria, foi transformado em serpente. Além disso citando o historiador Filarco, *Athen.* XI, 462 b, Ellis informa que o túmulo de Cadmo se localizava em um lugar chamado κύλικες, o que nortearia o próprio título do poema *Culex*, além da alusão às referências às serpentes ligadas a Cadmo. Por fim, Ellis, que acredita na hipótese da real autoria virgiliana do poema, nessa mesma linha de argumentação, tenta datar sua composição em 44 a.C., quando Virgílio se encontrava

em teu bosque sagrado, ó Délia – onde ela outrora 110
vencida por furor, a fugir do Nictélio,⁵²
co’ abomináveis mãos sujas de sangue e morte,
após vagar na bruma, descansou na gruta,
destinada a pagar pela morte do filho.
Divertindo-se aqui, também, na relva, os Pãs 115
os sátiros⁵³ e as dríades⁵⁴ dançam co’ as náíades
os coros. Tanto o eágrio⁵⁵ não deteve o Ebro⁵⁶
quieto nas margens, nem as matas com seu canto,⁵⁷
quanto, deusa veloz, alegres te retinham,
espalhando co’ os coros júbilo em teu rosto; 120
e ali a própria natureza, a sussurrar,
lhes dava abrigo e reanimava em doce sombra.
Pois, primeiro na encosta do vale se erguiam⁵⁸
plátanos altos, entre os quais também o lótus,⁵⁹
ímpio por afastar do triste Ítaco os sócios 125
enquanto com doçura a anfitriã os retinha.⁶⁰
E as que Faetonte, fulminado ao ser do carro

117

na cidade de Apolônia, em sua visita ao Épiro, na mesma ocasião em que lá se encontrava o jovem Otávio (ELLIS, 1896).

⁵² Νυκτέλιος, que significa “aquele que é cultuado à noite” é um dos epítetos de Baco (Ov. *A. Am.* 1.567).

⁵³ Os *satyri* eram semidivindades companheiras de Baco, com orelhas, patas e cauda de cabra. Foram também considerados divindades rústicas, confundidas com Fauno (Ov. *Met.* 6.110).

⁵⁴ Ninfas das florestas e bosques (Verg. *G.* 1.11).

⁵⁵ Eagro foi rei da Trácia (Ov. *Ib.* 480) e pai de Orfeu, de onde vem o adjetivo patronímico (Verg. *G.* 4.524).

⁵⁶ Rio da Trácia, cujas nascentes se encontram nas montanhas Ródope (Verg. *Ecl.* 10.65).

⁵⁷ Para os poderes do canto de Orfeu, capaz de interromper o curso dos rios e atrair as árvores para ouvi-lo, cf. Ov. *Met.* 10. 86.

⁵⁸ O catálogo das árvores é *topos* da poesia pastoral (Catull. 64.289 e ss.). Mas no *Culex*, a relação das árvores encontra grande semelhança com aquela presente no episódio de Eurídice, em Ov. *Met.* 10.86-106. Nesse contexto, é verossímil que tanto Ovídio quanto o autor do *Culex* tenham tido uma mesma fonte literária, considerando não ser o *Culex* a própria fonte de Ovídio. Todas as árvores presentes no *Culex* encontram-se nas *Metamorphoses*, embora em Ovídio seja apresentada a contextualização de cada planta, ao passo que o autor do *Culex* apenas constrói a relação. No entanto, mesmo sendo apenas um rol, o catálogo das árvores do *Culex* apresenta uma nítida construção não aleatória. Primeiro, o plátano, cuja utilidade maior consistia em fornecer as sombras necessárias para o *locus amoenus*, como na descrição do bosque do *velho corício* (Verg. *G.* 146). Em seguida, o lótus, o choupo e a amendoeira são ligados às metamorfoses de Lótis, das Helíades e de Fílis. Já o carvalho e o pinheiro são árvores ligadas ao desenvolvimento humano, na alimentação e na navegação. A azinheira, o cipreste e a faia têm função exclusivamente descritiva, ao passo que as duas últimas, a hera e a murta, novamente têm ligação com as metamorfoses – a hera com a transformação das Helíades, e a murta com a de Mirene, sacerdotisa de Vênus (Serv. *Aen.* 3.23) (BARRETT, 1970).

⁵⁹ Referência ao episódio homérico dos lotófagos, quando parte da tripulação de Ulisses/Odisseu, o Ítaco, por ser rei da ilha de Ítaca, ingeriu a planta narcótica e precisou ser arrastada de volta ao navio e amarrada aos bancos (Hom. *Od.* 10.82-104). No entanto, o lótus era também relacionado à metamorfose da ninfa Lótis que, atacada por Priapo, foi salva pelo asno de Sileno e pediu para ser transformada em planta (Ov. *Met.* 9.340 ss.).

⁶⁰ A anfitriã é a própria ilha.

de ignípodas⁶¹ corcéis lançado, transformara
 por luto os membros, as helíades, trançando
 os galhos, brancos véus estendiam nos ramos.⁶² 130
 Depois, aquela a quem pra sempre Demofonte
 fez sua perfídia lamentar – pérfido a muitas,
 pérfido Demofonte,⁶³ és por moças chorado.⁶⁴
 O carvalho a seguia, o cantor do destino,⁶⁵
 dado como sustento⁶⁶ antes que os grãos de Ceres, 135
 os que Triptólemo em espigas transformou.⁶⁷
 Aqui, da nave argoa a glória, o altivo pinho,⁶⁸
 embelezando a mata esguia, hirsuto em ramas,
 tenta nos altos montes alcançar os astros.⁶⁹
 Negra azinheira, o fúnebre⁷⁰ cipreste e a faia 140
 umbrosa ali se encontram, e as heras⁷¹ que os choupos
 enramam, pra que a morte do irmão não pranteiem,
 e flexíveis escalam aos mais altos topos,
 tingindo os áureos brotos de pálido verde.
 Perto, a murta, do fado jamais esquecida.⁷² 145

⁶¹ Segui aqui a correção de Clausen, que usou *ignipedum* em lugar de *insigni* (ST. LOUIS, 2001. p. 140).

⁶² Faetonte era filho do Sol (Hélio) e de Clímene. Ao tentar conduzir o carro do pai, que era puxado por cavalos de patas de fogo, incendiou a terra. Para evitar o desastre completo, foi fulminado por Júpiter. Suas irmãs, as filhas do Sol/Hélio, as helíades, por sofrimento foram transformadas em choupos. (Cic. *Off.* 3.94; Catull. 64.290; Verg. *Ecl.*, 6.62; *Aen.* 10.190; Ov. *Met.* 2.340).

⁶³ Repetimos aqui a estrutura do *Perfidus .../ Perfide D...*, em espelhamento do possível modelo seguido pelo autor do *Culex*, em uma alusão esticométrica aos versos 132-133 do *Carmen 64*, de Catulo, ou seja, a disposição de mesmas palavras em locais equivalentes nos versos (LOWE, 2014).

⁶⁴ Descrição de Fílis, que, ao ser abandonada por Demofonte, se matou, e no local em que foi enterrada nasceu uma amendoeira. O vocativo *Perfide Demophoon* é proferido por ela em Ov. *Rem. Am.* 597. Os lamentos de Fílis foram objeto também em Ov. *Her.* 2.

⁶⁵ Carvalho é árvore relacionada a Júpiter e ao monte de Dodona (Hom. *Od.*, 14.327-28; Verg. *Ecl.* 1.16-17; *G.* 2.16, 3.332; Ov. *Am.* 3.10.9). Quanto ao caráter profético da madeira, foi um carvalho do monte Dodona que, usado para a confecção do mastro da nau Argo, dotou-a de voz vaticinadora, como descrita em Valério Flaco (Val. Flac. 1.1-2).

⁶⁶ Optou-se traduzir *datae uitae* por dado como sustento. Trata-se da referência ao *topos* do uso das bolotas de carvalho na alimentação humana (Lucr. 5.939-40, 965; Hor. *Sat.* 1.3.100; Ov. *Am.* 3.10.9).

⁶⁷ Triptólemo era filho do rei Celeu e de Metanira. Deméter/Ceres deu-lhe um carro puxado por serpentes e os grãos de trigo, que foram semeados do céu (Apollod. *Bibl.* 1.5.1; Ov. *Met.* 5.643-662).

⁶⁸ O pinheiro do monte Pélion é a árvore que serviu para a construção do casco da nau Argo (Catull. 64.1). De pinheiro também foi feito o Cavalo de Troia, confeccionado com as madeiras dos navios (Verg. *Aen.* 2.258-59).

⁶⁹ Seguimos aqui inteiramente as correções ao texto latino propostas por Sandro La Barbera (LA BARBERA, 2019). A referência do pinho tentando alcançar os astros remete ao catasterismo da nave Argo (Val. Fl. 1.4).

⁷⁰ Os manuscritos variam entre *Lethaea*, *laeta*, *fleta* e *leta* (ST. LOUIS, 2001. p.140). Optou-se aqui por *Lethaea*, conforme o texto estabelecido por St. Louis, pela ligação simbólica do cipreste com a morte.

⁷¹ A hera era ligada simbolicamente à natureza alegre, à poesia e ao triunfo poético (Verg. *Ecl.* 3.39, 4, 19, 7.25, 8.13; *G.* 2.258, 4.124).

⁷² Provável referência a Polidoro, filho de Príamo, que Eneias encontrou na Trácia transformado em murta (Verg. *Aen.* 3.23). Mas também se relacionava a Vênus (Ov. *Fast.* 4.139-144).

Os pássaros pousados nos ramos entoam
doces cantos que soam em vários gorjeios.
Sob isso tudo, a água, brotando das fontes,
move-se em calmo arroio e soa em manso curso;
e onde quer aos ouvidos chegue a voz das aves, 150
ali repetem-se os lamentos das que nadam
no limo e de água se alimentam;⁷³ Eco aumenta
o ruído, e a cigarra estrila co' o calor.
Aqui e ali, cansadas, deitaram-se as cabras
sob alto matagal que, a soprar mansamente, 155
a brisa sussurrante põe-se a misturar.
Quando, à sombra o pastor se deitou junto à fonte
e estendido acolheu doce torpor nos membros,
não temia perigos; mas, amodorrado,
sobre a relva entregara ao calmo sono o corpo. 160
Estirado no chão, doce langor colhia
qual se Fortuna⁷⁴ o não lançasse a incertos riscos.
Pois na hora useira e mesma trilha, deslizando,
uma serpente imensa de corpo manchado,⁷⁵
para imersa na lama escapar do calor, 165
jateando a língua contra tudo que encontrava,
fétida retorcia os anéis escamosos:
levava a tudo o olhar o cheiro de vingança.
Já mais e mais o fléxil corpo revolvendo,
alça o fúlgido peito e, sobre a alta cerviz, 170
a cabeça, em que a crista se eleva no topo,
a luzir é manchada por purpúreo véu,
e os flâmeos olhos brilham com torva aparência.
Examinava em volta, quando adiante vê
recostar-se o pastor. Mais fera ela se acerca 175
abrindo os olhos pra alcançá-lo; torva, ataca
com vários botes o que há à frente, pois alguém
chegara ao vau. Prepara as armas naturais:
ira-se e arde em silvos e atroa co' a boca,
em espirais revolvem-se os anéis do corpo, 180

⁷³ As rãs e seu coaxar.

⁷⁴ Fortuna é uma das principais deusas romanas (Cic. *Verr.* 4.119).

⁷⁵ A descrição da serpente remete a dois trechos virgilianos. Os versos 164 (*immanis uario maculatus corpore serpens*) e 167 (*squamosos late torquebat motibus orbes*) ecoam a descrição da serpente da Calábria, que o autor ensina o pastor a matar: *Est etiam ille malus Calabris in saltibus anguis/squamea conuoluens sublato pectore terga/atque notis longam maculosus grandibus aluum*" (Verg. *G.* 3.425-427).

pelo esforço goteja sangue em toda parte,
 sibila a goela. Mas a quem que tudo apresta,
 um pequenino filho d'água a tempo assusta
 e, pra evitar a morte com ferrão o avisa:
 por onde o olho aberto mostrava a pupila, 185
 co' o dardo natural ele tocou de leve
 a íris do velho, que saltou enfurecido
 e esmagado o matou; dissipou-se-lhe o alento,
 os sentidos cessaram. O pastor viu, então,
 perto a serpente que mantinha torvo o olhar; 190
 lesto, assustado, mal senhor de si, fugiu
 e da árvore arrancou co' a mão um grosso galho.
 (Que vontade dos deuses ou sorte o ajudou
 não era claro, conseguiu, porém, vencer
 o espiralado corpo do escâmeo dragão⁷⁶); 196
 o osso da que o atacava e lutava arrebenta
 com muitos golpes onde a crista cinge as fontes.
 E, lento porque o sono fora interrompido,
 olhando pasmo, o medo lhe cegara os membros;
 e isso, pelo temor, lhe confundiu a mente. 200
 Depois que morta a viu cair, ele sentou-se.
 Vinda do Érebo, Noite os corcéis já açulando,⁷⁷
 e, lento, Vésper⁷⁸ do Eta⁷⁹ avança, já o pastor
 reunido o gado quando as sombras se alongaram,⁸⁰
 parte e prepara-se pra dar descanso às juntas. 205
 Quando o sono mais leve penetrou seu corpo,
 e, espalhado o sopor, repousaram-se os membros,
 o espectro do mosquito chegou até ele,
 e cantou-lhe censuras por sua triste morte: ⁸¹
 "Por favores trazido, a que acerbo revés 210
 sou arrastado? Enquanto mais cara que a minha

⁷⁶ Mantive aqui a opção do original latino, de alteração vocabular em relação à serpente, decerto como um modo de realce do monstro.

⁷⁷ Noite, personificada, é a deusa filha do Caos, irmã gêmea do Érebo, as trevas. Na teogonia hesiódica (Hes. *Theog.* 116-133), são os primeiros deuses surgidos do vazio.

⁷⁸ Vésper, ou Héspero, é o planeta Vênus ao entardecer. Aqui, trata-se da indicação do fim do dia.

⁷⁹ Monte da Tessália. Aqui representa a direção do oriente.

⁸⁰ Nova indicação do final do dia. Como o sol se põe, o ângulo menor de incidência da luz alonga a sombra dos objetos. O verso 206 (*cum grege compulsus duplicantibus umbris*) eco Verg. *Ecl.* 2.67 (*et sol crescentis decedens duplicat umbras*).

⁸¹ Todo o lamento do mosquito remete aos lamentos de Pátroclo (Hom. *Il.* 23.69-101). E exatamente esses lamentos justificam o sonho, já que apenas após receber os ritos funerários a alma do morto poderia ultrapassar os portões do mundo inferior.

foi tua vida, ao vazio arrebatam-me os ventos.
Tu tranquilo restauras na alegre quietude
os membros, salvo das desgraças; mas os manes⁸²
obrigam minha carne a transnadar o Letes;⁸³ 215
sou presa de Caronte.⁸⁴ Vi como os umbrais
dos templos resplandecem com tochas infestas.
Surge Tisífone,⁸⁵ toucada por serpentes
e açoita-me com chamas e golpes; depois,
Cérbero⁸⁶ (como as bocas ao latir se abrasam!) 220
cujas nucas se eriçam com sinuosas cobras
e os olhos injetados de sangue chamejam.
Ah! Por que meu favor te afastou do dever
se, dos umbrais da morte devolvi-te à vida?
Onde estão da piedade⁸⁷ os prêmios e honrarias? 225
Vazios se tornaram! Do campo partiram
Justiça e a antiga Fé?⁸⁸ O iminente destino
do outro eu vi e deixei de cuidar do meu próprio.
Sou levado a igual sorte. É a pena que mereço.
Que a pena seja a morte, se houver gratidão. 230
Surja-te igual dever. Aos ínvios sou levado,
ínvios distantes, dos cimérios entre os bosques:⁸⁹
em tudo ao meu redor acumulam-se as penas.
Por serpes preso, imenso, está sentado⁹⁰ Oto
olhando triste Efiates longe acorrentado, 235

121

⁸² Os manes eram os espíritos dos mortos, aos quais os romanos prestavam reverência. Suas festas eram celebradas em fevereiro.

⁸³ Lete, Estige, Aqueronte, Flegetonte e Cócito são os rios do inferno. As águas do Lete, ingeridas pelas almas dos mortos, provocam o esquecimento da vida.

⁸⁴ Caronte é o barqueiro do inverno, em cuja embarcação as almas dos recém-mortos atravessam as águas dos rios Estige e Aqueronte.

⁸⁵ Uma das três Fúrias (Erínias, em contexto grego), responsável por punir os assassinos.

⁸⁶ Cérbero é o cão de três cabeças que guarda a entrada do mundo inferior. Os versos 220-21 (*Cerberus (ut diris flagrant latratibus ora!)/ anguibus hinc atque hinc horrent cui colla reflexis, remetem*) ecoam Verg. *Aen.* 6.417-419: *Cerberus haec ingens latratu regna trifauci/ personat adverso recubans immanis in antro./Cui vates horrere videns iam colla colubris.*

⁸⁷ A *pietas* é um dos principais conceitos morais dos latinos. Representa a reverência e o sentimento de obrigação para com aqueles a quem cada um está ligado pela natureza – pais, filhos, parentes –, e, por consequência, com os deuses e a pátria (ROCHA PEREIRA, 2002, p. 341)

⁸⁸ *Fides* é outro conceito basilar dos romanos, tendo sido por eles elevada à condição de divindade. Representa a confiança, a lealdade, e está no centro da ordem política e jurídica de Roma. É a fé nos juramentos, sancionada pelo deus máximo (ROCHA PEREIRA, 2002, p. 332-338).

⁸⁹ Os cimérios são um povo mítico que vivia no Ponto Euxino, em uma região desolada, junto à entrada do Hades (Hom. *Od.* 11.13 e ss.).

⁹⁰ A pena de ser amarrado por serpentes em uma cadeira é referida em relação a Teseu no inferno (Verg. *Aen.* 6.617-618).

porque outrora intentaram escalar o céu.⁹¹
 E Tício,⁹² aflito, recordando-se, ó Latona,
 de tua ira implacável, jaz pasto de abutres.
 Me horrorizo de estar junto a tão grandes sombras
 Convocado à água estígia,⁹³ resta sobre rio 240
 só a cabeça de quem mostrou o néctar dos deuses,
 pra todo lado retorcendo-se de sede.⁹⁴
 Mas quem, ao longe rola a pedra monte acima,
 sofrendo dor atroz por desdenhar dos deuses,
 pra si repouso em vão buscando?⁹⁵ Ide, meninas,⁹⁶ 245
 ide, por quem a triste Erínia acende as tochas;⁹⁷
 co' os votos, Himeneu deu-lhes bodas de morte [...].⁹⁸
 Sobre o esquadrão que avança, outras cerradas turmas:
 insana na impiedade, da Cólquida a mãe
 para os filhos planeja aflitivas feridas;⁹⁹ 250
 pandiona prole, as miserandas moças dizem
 "Ítis", de quem ao ser privado o rei bistônio,
 em poupa transformado, nos ventos pranteia.¹⁰⁰

⁹¹ Os gigantes Oto e Efialtes, filhos gêmeos de Netuno e Ifimedia, empilharam os montes Ossa, Pélion e Olimpo para alcançarem o céu e fazerem guerra aos deuses. Na versão virgiliana, foram fulminados por Júpiter (Verg. *G.* 1.283).

⁹² O gigante Tício, filho de Júpiter e Elara, por tentar violentar Latona, mãe de Apolo e Diana, foi morto por estes, e, lançado aos infernos, recebeu a punição de ter seu fígado devorado eternamente por um abutre (Hom. *Od.* 11.576-581; Pind. *Pyth.* 4.90; Lucr. 3.992 e ss.; Hor. *Carm.* 2.14.8; Tib. 1.3.73; Prop. 2. 20.31; Ov. *Met.* 4.456).

⁹³ Os juramentos solenes, a que mesmo os deuses estavam obrigados, eram feitos tomando-se por testemunha as águas do rio Estige.

⁹⁴ Tântalo, rei da Frígia, era pai de Pélops e de Níobe. Por haver roubado o alimento dos deuses e revelado seus segredos aos homens, foi condenado a permanecer parcialmente imerso em um rio, cujas águas desciam quando ele tentava delas beber (Verg. *Aen.* 6.602 e ss.).

⁹⁵ Sísifo, mítico rei de Corinto, era considerado o mais astuto dos mortais. Por suas artimanhas contra os deuses, foi condenado a eternamente rolar até o alto de um monte uma grande pedra, que rolava abaixo assim que lá chegava (Verg. *G.* 3.39; e *Aen.* 6.602 e ss.).

⁹⁶ Referência às danaides, as cinquenta filhas do rei Dânao. Obrigadas a se casar com os cinquenta filhos de Egito, elas mataram os maridos logo após as bodas. Foram condenadas a encher eternamente um barril sem fundo. A história das danaides está descrita na êcfrasis da descrição do bordado do boldrié de Turno, na *Eneida* (Verg. *Aen.* 10.497-502).

⁹⁷ Descrição da função da *pronuba*, a que preside os casamentos, carregando as tochas nupciais, a exemplo de Juno, na *Eneida* (Verg. *Aen.* 4.165). A função de *pronubae* também é desempenhada pelas Erínias em casamentos funestos (Ov. *Her.* 11,117; *Met.* 6.428-430).

⁹⁸ Algumas edições apresentam uma lacuna após o verso 247 (HOUSMAN, 1902).

⁹⁹ Medeia, princesa da Cólquida. A cena do ciclo trágico que remete à pintura de Timômaco (Plin. *HN* 35.9.26).

¹⁰⁰ As filhas de Pandião são Filomela e Procne. Procne, casada com Tereu, rei da Bistônia, foi mãe de Ítis. Tereu apaixonou-se por Filomela e a violentou. Para que não contasse a ninguém, Tereu cortou-lhe a língua. Mas Filomela fez um bordado em que contou a história. Procne, para punir o marido, matou o filho. Tereu decidiu então matar a mulher e a cunhada. Mas, antes de conseguir, ele foi transformado pelos deuses em uma poupa, Procne, em uma andorinha, e Filomela, em um rouxinol (Hyg. *Fab.* 65).

E os irmãos discordantes, da prole de Cadmo,
já os olhos truculentos e infestos dirigem 255
um do outro contra os corpos, e ambos dão as costas
pois do irmão a ímpia mão direita pinga sangue.¹⁰¹
Ai, não se mudam-me as fadigas! Sou levado
a mais além, e na lonjura deuses vejo.
Sou impelido a transnadar à água do Elísio.¹⁰² 260
Diante de mim, Perséfone insta as heroínas¹⁰³
a trazerem-me as tochas.¹⁰⁴ Inviolada, Alceste
com nada se preocupa, pois do esposo Admeto
ela entre os calcodônios o fado deteve.¹⁰⁵
A icária esposa do ítaco mantém-se exemplo 265
do feminil decoro, ficam longe dela
os pretendentes, pelas flechas trespassados.¹⁰⁶
Por que, Eurídice, em meio a tanta dor sumiste?¹⁰⁷
Mantém-se em ti a pena pelo olhar de Orfeu.
Ele que, audaz, considerou Cérbero um dia 270
inofensivo, e que aplacável fosse Dite,¹⁰⁸
não temeu do furente Flegetonte as águas,
nem, de ferrugem recoberto, o mesto reino,
escavadas mansões ou o Tártaro¹⁰⁹ toldado
por cruenta noite, ou dítio reino inacessível¹¹⁰ 275

¹⁰¹ Etéocles e Polinice são filhos de Édipo e Jocasta e irmãos de Antígona e Ismênia. São chamados de prole de Cadmo porque a sequência de antepassados de Édipo se compõe de Cadmo, Polidoro, Labdaco e Laio. As lutas pela sucessão de Édipo geraram o ciclo trágico dos *Sete contra Tebas*, de Ésquilo, e o poema épico *Tebaida*, de Estácio.

¹⁰² Ultrapassada a região dos tormentos, chega-se aos Campos Elísios, uma espécie de paraíso da mitologia greco-latina, governado por Dite/Plutão/Hades e Perséfone. Era onde viviam os bem-aventurados (Hom. *Od.* 4.560-565; Hes. *Op.* 170; Verg. *Aen.* 6.641).

¹⁰³ Relação das heroínas do amor conjugal.

¹⁰⁴ Perséfone, filha de Júpiter/Zeus e Ceres/Deméter, raptada por Plutão/Hades.

¹⁰⁵ Alceste é personagem central da tragédia homônima de Eurípides. A princesa, filha de Pélias, ofereceu-se para morrer no lugar do marido, Admeto, rei de Feras, chamado calcodônio em razão da montanha Calcodônia, ao pé do qual se situava seu reino (Ap. *Rhod.* 1.49-50).

¹⁰⁶ Penélope, filha de Icário e Periboea, foi esposa de Odisseu/Ulisses, rei de Ítaca. Permaneceu fiel ao marido, que, ao retornar da guerra de Troia, matou todos os pretendentes a desposá-la e o substituir no trono da ilha (Hom. *Od.* 24.13).

¹⁰⁷ Entre os versos 268-295, é narrada a história de Orfeu e Eurídice (Verg. *G.* 4.453-527; Ov. *Met.* 10.1-85).

¹⁰⁸ Dite, ou *Dis Pater*, era uma primitiva divindade romana do submundo e às riquezas minerais. Mais tarde, foi associado a Plutão/Orco/Hades. Recorrente em Virgílio (Verg. *G.* 4.467,519; *Aen.*, 4.702; 5.731; 127, 269, 397, 541; 7.568; 8.667; 12.199).

¹⁰⁹ O Tártaro era o local nos Infernos onde Júpiter precipitava os que o haviam ofendido (Verg. *Aen.* 4.243).

¹¹⁰ O verso 275 (... *nec faciles Ditis sine iudice sedes*) reproduz exatamente o segundo hemistíquio de Verg. *Aen.* 6.431: *nec uero hae sine sorte datae, sine iudice, sedes.*

sem seu juiz,¹¹¹ que após a morte julga a vida.
 Mas válida Fortuna¹¹² audaz fizera-o antes.
 Já os rios rápidos pararam, bestas-feras
 seguindo a branda voz se acercaram de Orfeu;
 do verde solo o roble já erguera as raízes 280
 os arroios pararam, e a ruidosa mata
 nos córtices colhera de bom-grado o canto.¹¹³
 Os cavalos da Lua, que entre os astros correm,
 também ele parou, e tu, virgem dos meses,¹¹⁴
 abandonaste a noite assim que ouviste a lira. 285
 Pode esta mesma te vencer, de Dite ó esposa,
 e Eurídice ao herói devolver;¹¹⁵ era nefas,¹¹⁶
 era a deusa da morte inflexível co' a vida.
 Ela, que conhecera os manes, percorria
 o caminho ordenado, não olhou pra trás 290
 nem corrompeu co' a língua as dádivas da deusa.¹¹⁷
 Mas tu, cruel Orfeu, tu, cruel, ao buscares
 os caros beijos, descumpriste a ordem dos deuses:
 venial amor, se vênias conhecesse o Tártaro.¹¹⁸
 Do erro é duro lembrar. Vós, da mansão dos pios,¹¹⁹ 295
 aguardam-vos heróis. Aqui ambos eácidas¹²⁰
 (Peleu e Télamon se alegram pelo eterno
 poder paterno; às bodas deles distinção
 Virtude e Vênus concederam; pois u'a serva¹²¹

¹¹¹ O juiz do inferno é Minos (Ov. *Met.* 7.456).

¹¹² Cf. nota ao verso 162.

¹¹³ Os poderes mágicos do canto de Orfeu já se encontram na tradição alexandrina (Ap. *Rhod.* 1.23-34).

¹¹⁴ A referência tanto pode ser a Febe, uma das titânidas, a primeira deusa da Lua (Hes. *Theog.* 134-138), quanto sua neta Diana/Ártemis. *Menstrua luna* é expressão virgiliana (Verg. *G.* 1.353).

¹¹⁵ Segui aqui a correção da edição de Heinsius: *uiro ultro* (ST. LOUIS, 2001, p.160).

¹¹⁶ *Fas* é um termo muito específico em contexto latino, de difícil tradução. Trata-se da expressão da vontade divina, da ordem e da lei dos deuses (Cic. *At.* 1,16,6). Sua negativa, o *nefas*, guardou algo do original no “nefas” presente na língua portuguesa.

¹¹⁷ O *fauete linguis*, era uma fórmula usada pelos vaticinadores para pedirem silêncio (Hor. *Carm.* 3.1.2). O verso indica que Eurídice seguia o caminho de saída dos infernos em silêncio.

¹¹⁸ Verso com ecos de Virgílio, exatamente no episódio relativo a Orfeu e Eurídice: *cum subita incautum dementia cepit amantem, / ignoscenda quidem, scirent si ignoscere manes* – “apossou-se do amante u'a súbita loucura, perdoável se os manes perdoar soubessem” (Verg. *G.* 4.488-489).

¹¹⁹ Referência aos Campos Elíseos.

¹²⁰ Os eácidas eram os descendentes de Éaco – Télamon, Peleu e Foco (Verg. *Aen.* 6.58; Ov. *Met.* 13.25).

¹²¹ Acompanho aqui a correção de Clausen (ST. LOUIS, 2001, p. 161). Referência a Télamon, que se deixa seduzir por Hesíone, filha de Laomedonte, escrava de guerra, dada a ele por Hércules no Saque de Troia (Apollod. *Bibl.* 2.6.4).

raptou este, e àquele uma nereida amou).¹²² 300
Jovens,¹²³ aqui se assenta a glória partilhada.
Um diz que os fogos frígios foram repelidos
das naus argólicas por sua intrepidez.¹²⁴
Ah, quem não contaria as lutas de tal guerra,
que os heróis gregos e os de Troia viram quando 305
manavam muito sangue a terra teucra,¹²⁵ o Xanto¹²⁶
e o Simoente¹²⁷, ou quando, junto à orla sigeia¹²⁸
do general Heitor a feroz ira viu
os troianos hostis levarem aos pelasgos¹²⁹
feridas, armas, morte e o fogo preparado? 310
O Ida,¹³⁰ nutriz de si, em cujo topo há feras,
o Ida aos ávidos filhos fornecia tochas
pra em cinzas converterem a praia reteia.¹³¹
e incendiar com lacrimante¹³² chama a frota.
De um lado, em frente estava o telamônio herói¹³³ 315
que, opondo o escudo, combatia; do outro, Heitor
suma gloria de Troia, ambos valentes; um,
era a imagem do raio em furacão nascido,
co' arnês e lanças, pra afastar de Argos a frota;¹³⁴
enquanto o outro, por armas protegido, tenta 320

125

¹²² Peleu se casou com Tétis, uma nereida. Alusão verossímil ao epílio *As Bodas de Peleu e Tétis* (Catull. 64), mas que também se relaciona, por via talvez indireta, ao poema do ciclo troiano *Cípria* (Κύπρια), de Estásimo, transmitido por Proclo (PAJARES, 1999), uma vez que os demais poemas do ciclo são aludidos nos versos 326, 329, 355-356, como se verá em outros locais.

¹²³ O vocativo se refere aos filhos dos eácidas – Aquiles e Ájax.

¹²⁴ O episódio narrado remete à passagem em que Aquiles afasta o exército troiano (frígio) dos navios gregos (argólicos) (Hom. *Il.* 16.304-314).

¹²⁵ Teucro é um dos antepassados dos reis de Troia. Filho do rio Escamandro, é pai de Bátia, que se casou com Dárdano. Desse enlace nasceram Ilo e Erictônio. Erictônio, com Astíoque, gerou Tros, herói epônimo de Troia. Ilo II foi seu filho, pai de Laomedonte e avô de Príamo. Príamo, casado com Hécuba, foi pai de Páris, Heitor e Cassandra (Apollod. *Bibl.* 3.12).

¹²⁶ Rio de Troia, também chamado de Escamandro (Verg. *Aen.* 1.473).

¹²⁷ Rio de Troia (Verg. *Aen.* 1.100).

¹²⁸ O Sigeu era um promontório em Troia (Verg. *Aen.* 7.294).

¹²⁹ Os pelasgos eram os habitantes primitivos da Grécia (Ov. *Her.* 9.3).

¹³⁰ Não se deve confundir com o Monte Ida, em Creta, onde a narrativa mítica localizava a gruta em que Zeus foi amamentado pela cabra Amalteia. Trata-se da Montanha Ida, localizada perto de Troia, onde se cultuava Cibele, a Deusa Mãe. Lá, Ganimedes foi raptado por Zeus, Anquises foi seduzido por Afrodite, que gerou Eneias, e Páris realizou o julgamento das deusas. É chamada de “mãe de feras” por Homero (Hom. *Il.* 14.283).

¹³¹ Promontório da costa troiana (Verg. *Aen.* 3.108).

¹³² O sentido de lacrimante parece remeter a pingos do comburente usado nas tochas.

¹³³ O episódio relativo a Ájax é descrito no *Culex* entre os versos 315-326.

¹³⁴ As principais edições apresentam os versos 318-319 corrompidos e, por isso, de difícil compreensão (*fluminibus ueluti fragor fet libet in se... tegminibus telisque super [Sigeaque praeter]*). Segui aqui a edição RAT, 1935. O episódio é narrado em Homero (Hom. *Il.* 15.414 e ss.).

afastar de vulcânicas feridas¹³⁵ as naus.
 Este eácida estava contente co' as honras;¹³⁶
 e o outro, pois, derramado o sangue da Dardânia,
 vencendo Heitor, por Troia desfilou co' o corpo.¹³⁷
 Contudo, fremem, porque Páris a este mata,¹³⁸ 325
 e, por fraudes do ítaco, o outro perde os golpes.¹³⁹
 A prole de Laerte o rosto hostil lhe volta ¹⁴⁰–
 e, do estrimônio¹⁴¹ Reso e Dólon¹⁴² vencedor,
 já ovante co' o Paládio¹⁴³ alegre-se, mas treme
 diante dos cíconos e o assusta o lestrigão; 330
 Cila, a voraz, pelos molossos cães cingida,
 o etneu ciclope, a zânclea¹⁴⁴ Caríbdis, o lago
 empalecido e o Tártaro esquálido o assustam.¹⁴⁵
 Da geração tantália, aqui se encontra o atrida, ¹⁴⁶
 luz dos argivos, que ordenando as dórias chamadas, 335
 deitou ao chão as erictônias fortalezas.¹⁴⁷
 Ó Troia, os gregos, ai!, pagaram-te os castigos
 indo morrer, furentes n' água do Helesponto.¹⁴⁸

¹³⁵ As tochas acesas.

¹³⁶ Ajax.

¹³⁷ Aquiles, que deu voltas em Troia com o corpo de Heitor amarrado a seu carro (Hom. *Il.* 22.364-404; 24.1-54).

¹³⁸ Aquiles foi morto pela flecha de Páris, que alcançou seu calcanhar.

¹³⁹ A disputa das armas de Aquiles, em que Ajax é enganado por Odisseu e decide se matar. Verossímil alusão ao poema *Etiópida* (Αἰθιοπία), atribuído a Artino de Mileto, e *Pequena Ilíada* (Ἰλιάς μικρά), atribuídos a Lesches, ambos pertencentes ao ciclo épico troiano e transmitidos na *Crestomatia*, de Proclo (PAJARES, 1999); também tema da tragédia *Ajax Furioso*, de Sófocles.

¹⁴⁰ Ulisses/Odisseu era filho de Laerte e Anticleia.

¹⁴¹ O Estrímon, ou Estrimão, é um rio da Trácia (Verg. *G.* 4.508).

¹⁴² Reso foi rei da Trácia, morto por Ulisses e Diomedes (Cic. *Nat. D.* 3.45; Verg. *Aen.* 1.469-474). Dólon foi um troiano que traiu Reso para salvar a vida, mas foi morto por Ulisses (Verg. *Aen.* 1.470).

¹⁴³ Alusão ao roubo do Paládio, a estátua de Palas, que protegia a cidadela troiana (Verg. *Aen.* 2.164-170).

¹⁴⁴ Acompanho aqui o texto de Maurice Rat, da edição da Garnier, 1935.

¹⁴⁵ Na sequência, há alusão a alguns dos episódios das aventuras de Ulisses na viagem de retorno a Ítaca, na *Odisseia*. No verso 330, são citados os cícones (Hom. *Od.* 9.39 e ss.; Verg. *G.* 4.520 e ss.; Ov. *Met.* 11.3 e ss.) e os lestrigões (Hom. *Od.* 10.80 e ss.). O verso 331 refere-se a Cila, filha de Forco, é um monstro habitante de um rochedo marinho, que devorou os companheiros de Ulisses (Hom. *Od.* 12.73-100, 12. 245-256). Sobre sua transformação em monstro, cf. Ov. *Met.* 14.52. O verso 33s traz o ciclope do Etna (Hom. *Od.* 9.296-298) e Caríbdis, outro monstro marinho, que recebe a adjetivação de zânclea em razão do antigo nome do golfo de Messina (Hom. *Od.* 12.231-43). Além disso, *Zanclaea Charybdis* é uma expressão ovidiana (Ov. *Fast.*, 4.43; *Trist.* 5.2.73). Sobre a descida ao Tártaro, no verso 333, cf. Hom. *Od.* 11.

¹⁴⁶ Tântalo, pai de Pélope e Níobe. Pélope foi pai de Atreu, cujos filhos eram Agamêmnon e Menelau. A referência expressa é a Agamêmnon, e as chamadas dórias são uma referência ao incêndio de Troia (Verg. *Aen.* 2.27; 6.88; e Prop. 2.8.34; 4.6.34).

¹⁴⁷ Troia aqui é referida como erictônia, apesar de no verso 30 o autor do *Culex* haver do mesmo modo designado a Grécia. No entanto, esse segundo Erecteu é filho de Dárdano e pai de Tros.

¹⁴⁸ Os versos 337-357 fazem referência ao destino da maioria dos gregos, que pereceram no retorno à Hélade, após a guerra de Troia. Esse retorno foi narrado no ciclo troiano, no poema *Nóstoi* (Νόστοι)

Aquela tropa demonstrou o revés humano,
pra que ninguém, rico por graça da Fortuna, 340
erga-se além do céu; toda glória é partida
pelo dardo da inveja.¹⁴⁹ Ia no ponto a força
argiva, rumo à pátria, rica pelo saque
à cidadela de Erecteu; soprava a brisa
amigável na rota. N'água, uma nereida 345
acenava de um lado às curvas naus no mar:
quando o celeste fado, ou o nascer de uma estrela
mudou a cor do céu; ventos e furacões
tudo agitaram; já do mar a onda se esforça 350
pra se erguer às estrelas; lá em cima o fragor
do céu astros e sóis ameaça arrojor
sobre as terras. Ali, a frota, há pouco alegre,
agora aflita e pelo triste fado envolta,
sobre a onda morre, nos rochedos cafareus,¹⁵⁰
nos escolhos da Eubeia e nas praias do Egeu – 355
quando o botim da finda Frígia, naufragado
e espalhado nas águas ondeia entre as ondas.
Há mais heróis pares nas honras da virtude,¹⁵¹
e estão nessas moradas todos assentados,
todos que Roma, glória do mundo, venera: 360
Aqui Fábios e Décios e a horácia virtude¹⁵²
estão, e a fama antiga e imortal de Camilo,¹⁵³
e Cúrcio, devotado à guerra, a quem outrora,
na Urbe, um torvelinho n'água o fez sumir,¹⁵⁴
e o sábio Múcio,¹⁵⁵ que aguentando ardor no corpo, 365

atribuído a Áuxias ou a Eumolpo, e transmitidos na *Crestomatia*, de Proclo (PAJARES, 1999). Encontram-se referências a essas desventuras também em Hom. *Od.*, 4. 499 e ss.; Verg. *Aen.* 11.259-263; Ov. *Met.* 11.470 e ss.

¹⁴⁹ Referência à morte de Aquiles, em verossímil alusão ao poema do ciclo troiano *Saque de Troia* (Ἰλίου πέρσις), referenciada na *Crestomatia*, de Proclo (PAJARES, 1999).

¹⁵⁰ Rochedo na Eubeia onde, nos *Nostoi*, referenciada na *Crestomatia*, de Proclo (PAJARES, 1999), morreu Ájax Oileu.

¹⁵¹ Entre os versos 358-371, há o catálogo dos heróis romanos.

¹⁵² A *gens Fabia* foi uma das famílias mais importantes do período republicano de Roma, entre eles Quinto Fábio Vibulano, Gaio Fábio Pictor, Quinto Fábio Máximo. Outra *gens* importante era a *Decia*, destacando-se Públio Décio e Décio Mus. A virtude de Horácio se refere a Horácio Cocles, que conseguiu deter o avanço dos etruscos comandados por Porsena enquanto os romanos demoliam a Ponte Sublício (Liv. 2.9-10) (ROCHA PEREIRA, 2002, p. 32).

¹⁵³ Marco Fúrio Camilo, eleito seis vezes tribuno e cinco vezes ditador. Recebeu cinco triunfos e o título de Segundo Fundador de Roma (Liv. 6, 7.; Plut. *Vit. Cam.*).

¹⁵⁴ Cúrcio, romano lendário que se atirou em um poço para satisfazer um oráculo e salvar Roma. O lago deu origem ao *Lacus Curtius* (Liv. 7. 6.3-5).

¹⁵⁵ Gaio Múcio Cévola. Invadiu o acampamento de Porsena, rei da cidade etrusca de Clúcio, para matá-lo. No entanto, frustrado seu intento, para mostrar seu valor pousou a mão direita sobre as brasas e

diante dele cedeu temeroso o rei lídio;
 ali estão Cúrio, um companheiro na virtude,¹⁵⁶
 e Flamínio que corpos consagrou às chamas:¹⁵⁷
 há, com justiça, tais mansões e pias honras;
 há os Cipiões, dos quais os rápidos triunfos 370
 as muralhas assustam da líbia Cartago.¹⁵⁸
 Que no louvor floresçam; aos lagos sombrios
 de Dite eu sou forçado a ir, longe de Febo,
 e a suportar o Flegetonte, onde tu, Minos,
 da pia morada apartas grilhões criminosos. 375
 Já co' açoites as Penas a dizer me obrigam,
 a mando do juiz, da vida e morte as causas,
 mesmo do mal tu sendo a causa, e não me assistas;
 mas, com pouco remorso, isso ouves desatento,
 e mandarás, quando partires, tudo aos ventos. 380
 Vou, nunca voltarei; cultua tu, contente,
 as matas verdejantes, as fontes, o pasto,
 e será minha fala espalhada na brisa".
 Disse triste e partiu co' as últimas palavras.
 Quando, inquieto, o deixou a indolência da vida 385
 a queixar-se consigo, não mais suportou
 a dor causada pela morte do mosquito,
 e o quanto permitiram-lhe as forças senis
 (co' as quais, lutando, derrotara o infesto imigo)
 perto de um curso d'água oculto em verdes folhas, 390
 presto, arrumou o lugar; um círculo traçou;
 buscou para o serviço a rabiça de ferro
 para arrancar do céspede a relvosa terra.
 Já consciente encetando o labor começado,
 ergueu com zelo u'a pilha e, com muitos torrões 395
 no círculo traçado, um montinho de terra;
 dando-lhe forma, em volta, ajustou u'a pedrinha
 de liso mármore, atento co' o cuidado.¹⁵⁹

disse *Et facere et pati fortia romanum est* – “tanto fazer quanto padecer são as fortalezas dos romanos” (Liv. 2.12). Seu gesto garantiu-lhe a liberdade (ROCHA PEREIRA: 2002, p. 31).

¹⁵⁶ Cúrio Dentado, vencedor dos samnitas e de Pirro, célebre pela frugalidade e pelas virtudes antigas (Cic. *Brut.* 55).

¹⁵⁷ Caio Flamínio Nepos, eleito duas vezes cônsul. Foi derrotado por Aníbal na batalha do lago Trasímeneo.

¹⁵⁸ Os Cipiões foram grandes generais da *gens Cornelia*, vencedores nas guerras Púnicas. Cipião Africano, na Segunda Guerra Púnica, venceu Aníbal na batalha de Zama; Cipião Emiliano venceu a Terceira Guerra Púnica e destruiu Cartago.

¹⁵⁹ Possível referência ao túmulo de Augusto, localizado à margem do Tibre (FRAENKEL, 1952).

Ali o acanto e a rubra rosa crescerão ¹⁶⁰
e todas violetas; há a murta espartana, 400
o jacinto, açafrões nascidos na Cilícia,
louros – de Febo o grande orgulho –, os oleandros,
os lírios e alecrins nascidos sem cultivo,
a erva sabina,¹⁶¹ que imitava outrora o incenso,
o crisântemo, a hera de amarelos cachos,¹⁶² 405
boco¹⁶³ que lembra o rei da Líbia e o amaranto,
a uva bumasta¹⁶⁴ e o loureiro-agreste em flor.
Não falta lá o narciso, a quem da forma a glória
ardeu no fogo do Cupido os próprios membros;
e da estação primaveril todas as flores 410
estão dispostas sobre o túmulo, que em cima
tem um epitáfio que, silente, letras forma:
“Meritório mosquito, o pastor de rebanhos
co' este sepulcro retribui-te o dom da vida”. 414

REFERÊNCIAS

129

1. Edições do *Culex*

CLAUSEN, W.; GOODYEAR, F., KENNEY, E.; RICHMOND, J. **Appendix Vergiliana**. Oxford: Oxford University, 1967.

ELLIS, Robinson. **Appendix Vergiliana sive carmina minora Vergilio adtributa**. London: Oxford, 1907.

FAIRCOUGH, H. **Aeneid 7-12; Appendix Vergiliana**. London: Harvard University, 1918.

HEYNE, Christian. **P. Virgilii Maronis opera uarietate lectionis et perpetua adnotatione illustratus**. Tomus Quartus. Lipsiae: Sumtibus Caspari Fritsch, 1775.

VIRGILIO MARÓN. **Bucólicas, Geórgicas, Apéndice Virgiliano**. Traducciones Tomás de la Ascensión Recio García y Arturo Soler Ruiz. Madrid: Gredos, 2008.

¹⁶⁰ Dos versos 398-410, apresenta-se o catálogo das flores que adornam o sepulcro do mosquito.

¹⁶¹ Junípero, ou sabina rasteira, usada como incenso.

¹⁶² *Hedera palens* é citada em Verg. *Ecl.* 3.39: *diffusos hedera uestit pallente corymbos* – “reveste, com a hera amarelada, os cachos espalhados”.

¹⁶³ Planta não identificada.

¹⁶⁴ Uva de grandes cachos, citada em Verg. *G.* 2.102.

RAT, Maurice. **Poèmes attribué à Virgile**. Paris: Gariner, 1935.

ST. LOUIS, Lisa. **Prolegomenon to an Editio of the Pseudo-Virgilian Culex**. Ottawa: Univesity of Ottawa, 2001.

2. Textos antigos citados

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Eudoro de Sousa. 4 edição. Lisboa, Casa da Moeda, 1994.

DONATUS; PHILARGYRIUS; FOCA; SERVIUS; PROBUS. **Vitae Vergilianae**. Ed. Iacobus Brummer. Leipzig: Teubner, 1912.

MARTIAL. **Epigrams, Books 6-10**. Edited and Translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: Harvard University, 1993.

QUINTILIAN. **The Orator's Education**, vol. IV. Edited and Translated by Donald Russel. Cambridge: Harvard University, 2002.

STATIUS. **Silvae. Thebaid (Books 1-4)**. Edited and Translated by J. H. Mozley. London: William Heinemann Ltd., 1928.

TÁCITO. **Diálogo dos oradores**. Tradução Antônio Martinez Rezende e Júlia Batista Castilho Avelar. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

ZENOBIUS. **Corpus Paroemeiographi Graeci**. Ed. E.L. Leutsch, F. Schneidewin. Gottinga: Vandehoeck et Ruprecht, 1839.

3. Textos de apoio

BARRETT, Antony. The Autorship of the *Culex*: an evaluation of the evidence. **Latomus**, Bruxelles, v. 29, n.2, p. 348-362, 1970.

CAMPOS, Haroldo. **Metalinguagem & outras metas**. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CAMPOS, Haroldo. **Da transcrição – poética e semiótica da operação tradutora**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.

CITRONI, M.; CONSOLINNO, F.; LABATE, M.; NARDUCCI, E. **Literatura de Roma Antiga**. Tradução de Margarida Miranda. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

COURTNEY, E. The Textual Transmission of the Appendix Vergiliana. **Bulletin of the Institute of Classical Studies**, London, v. 15, p. 133-141, 1968.

CRUMP, M. **The Epyllion from Theocritus to Ovid**. Oxford: Basil Blackwell, 1931.

DEL BAÑO, F. Virgilio y la *Appendix Vergiliana*. **Simposio Virgiliano: conmemorativo del bimilenario de la muerte de Virgilio**. Murcia: Universidad de Murcia, 1984.

ELLIS, Robinson. The Theory of the *Culex*. **The Classical Review**, Cambridge, v. 10, n. 4, p. 177-183, 1896.

FRAENKEL, Eduard. The *Culex*. **The Journal of Roman Studies**, London, v. 42, p. 1-9, 1952.

FAIRCLOUGH, H. The Poems of the *Appendix Vergiliana*. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, Baltimore, v. 53, p. 5-34, 1922.

FRANK, Tenney. **Vergil – a biography**. New York: Henry Holt and Company, 1922.

HEYNE, Christian. **P. Virgilii Maronis opera uarietate lectionis et perpetua adnotatione illustratus**. Volumen Primum. Londini: Sumtibus Librariae Hahnianae, 1830.

HOUSMANN, A. Remarks on the *Culex*. **The Classical Review**, Cambridge, v. 16, n. 7, p. 339-346, 1902.

JACKSON, Carl. The Latin Epyllion. **Harvard Studies in Classical Philology**, Cambridge, v. 24, p. 37-50, 1913.

JACKSON, Elizabeth. The Authorship of the *Culex*. **The Classical Quarterly**, Cambridge, v. 5, p. 163-174, 1911.

LA BARBERA, Sandro. Textual notes on *Culex* 137-129. **Myrtia**, Murcia, v. 34, p. 217-223, 2019.

LOWE, Dunstan. A stichometric allusion to Catullus 64 in the *Culex*. **The Classical Quarterly**, Cambridge, v. 64, n.2, p. 862-865, 2014.

MALEUVRE, Jean-Yves. Le Moucheron d'Octave. **Revue belge de philologie et d'histoire**. Bruxelles, v. 76, n. 1, p. 75-86, 1998.

MCGILL, Scott. The *Appendix Vergiliana*. **The Cambridge Companion to Virgil**. 2nd ed. Fiachra Mac Góráin and Charles Martindale (org.). Cambridge: Cambridge University, 2019.

PAJARES, Alberto. **Fragmentos de Épica Griega Arcaica**. Madrid: Gredos, 1999.

PLÉSENT, Charles. **Culex – Étude sur l'Alexandrinisme Latin**. Paris: Klincksieck, 1910.

RAND, Edward. Young Virgil's Poetry. **Harvard Studies in Classical Philology**, Harvard, v. 30, p. 103-185, 1919.

REEVE, M. The textual tradition of *Aetna*, *Ciris* and *Catalepton*. **Maia**, Genova, v. 28, p. 233-254, 1975.

ROCHA PEREIRA, M. H. **Estudos de História da Cultura Clássica: volume 2 – Cultura Romana**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002.

ROSS JR., David. The *Culex* and *Moretum* as post-augustan literary parody. **Harvard Studies in Classical Philology**, v. 79, p. 235-263, 1975.

SHIPLEY, Frederick. Ovidian Vocabulary and the *Culex* Question. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, Baltimore, v. 57, p. 261-274, 1926.

Data de envio: 20/09/2021
Data de aprovação: 11/11/2021
Data de publicação: 27/12/2021